

-0. NOV. 1993

AVULSO

1. ESC.  
1.20

ANO III - N.º 110

24

JUNHO  
1943



Mangericos e cravos de papel, um sorriso lindo de rapariga — três símbolos de beleza, de vida e de amor!

Vida  
Mundial

# ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades



# AQUI entre NÓS



DR. JOAQUIM MANSO

Acaba de publicar "O pórtico e a nave", excelente volume com as últimas conferências proferidas pelo autor e em que abundam os motivos do seu alto valor de jornalista e escritor.



FRANCISCO COSTA

Que tinha já uma larga obra poética conhecida, dá-nos o primeiro romance: "A garça e a serpente", um trabalho de fôlego, excelentemente apresentado e que vai merecer o melhor interesse da crítica e do público.



URBANO RODRIGUES

O seu novo livro é uma delicada evocação: meia dúzia de novelas cheias de actualidade, unidas por um fio subtil que é o título — "Sonho em Pompeia" — e que vai marcar mais um êxito do seu autor.

HÁ na Feira de Palhavã, animando certo boteco, um velho órgão com dois tocadores e uma dama que dirige a música — uma música roufenha e ofegante — e que, tal é o seu poder evocador, nos faz recuar no tempo e no espaço, transportando-nos, aos primeiros acordes, à pacata Lisboa de há 40 anos. No dia da inauguração da Feira, a nosso lado, alguém exclamou, limpando, sentimentalmente, uma lágrima:

— Bons tempos, em que este jazz ainda não era jazz!



NA freguesia de S. Pedro de Merelim, perto de Braga, Maria Vieira, de 31 anos, operária, casada com um trabalhador do campo, deu à luz da publicidade nada menos do que quatro crianças dum assentada, encontrando-se mãe e filhos de perfeita saúde. Oxalá que ao pai não suceda, porém, o que há anos sucedeu a um pobre homem que, ao ver o primeiro filho sorriu; ao ver o segundo corou; ao ver o terceiro desatou a gritar como doído — e ao ver o quarto saiu pela porta fora e ninguém mais lhe pôs a vista em cima...



MAIS do que uma vez se tem posto esta questão: Inês de Castro teria sido assassinada ou teria sido executada por mandado legal dum sentença régia? Segundo o testemunho recente de Afonso Lopes Vieira, Inês de Castro não foi assassinada, mas a sua morte foi a consequência dum veredicto, perfeitamente legal, dado por Afonso VI, em face dum alta razão de Estado. A lenda do assassínio da «linda Inês» parece ter sido, na verdade, obra de poetas. A própria cena dramática da coroação do cadáver constitui o produto dum exuberante exaltação lírica. A poesia compromete, por vezes, a História.

## Inventário & Balanço

### Para além do possível

DE Lisboa foi a Espanha a «troupe» de baile do Verde Gaio. De Espanha veio a Lisboa o grupo coreográfico de Vicente Escudero: cada um dá o que tem. Costuma-se dizer que pelo falar é que se entendem as pessoas. Assim os povos se conhecem por estas trocas das suas possibilidades. De um lado e de outro há-de ter-se visto alguma coisa que fosse novidade, imprevisão, curiosidade satisfeita. Os dois empreendimentos, porém, são de estilo e significado diferentes. Ao passo que Escudero é o intérprete de uma tradição — e as dúvidas que se propõem em Espanha incidem precisamente sobre o carácter e fundamento dessa interpretação — o Verde Gaio é a flor que brota de uma semente nova lançada em terreno fértil. Escudero, que correu mundo e por esse mundo fora foi aplaudido, vive a aborção de reviver o baile cigano. Francis e os bailarins da sua «troupe» criam interpretações de motivos para uma escola de baile que não tem raízes nem existiu. Essa falta de tradição não os inferioriza. Pelo contrário, daí resulta a curiosidade pelo seu trabalho: a ver como plasticizam em movimento e ritmo tantas tradições de pitoresco da vida regional do país. São formas de arte. Esta busca constante das formas é a ansiosa razão de ser da própria arte. Na verdade, tudo que é essência de arte leva dentro de si fogo bastante para se fazer entender pela transmissão do que comporta em si mesmo de inquietações e sugestões: quanto for realizado sempre ficará longe do que é apenas ideal e se desejaria ver com forma e substância. E isto, que é verdade para os temas de arte, é-o também para cada momento e para cada zona de influência e de actividade da vida de cada um nós: a eterna luta entre o que é o que desejariamos que fosse, a tormentosa e interminável pelega por alguma coisa que corresponda ao que ansiosa e inutilmente se espera durante vidas inteiras.

\*

...é assim na vida: dois rapazes na flor da idade morreram com o seu avião. Cada um deles era portador da sua parcela de sonho, o sonho que acalentavam, que constantemente levavam consigo, como preocupação maior e absorvente no turbilhão de todas as preocupações. A vida destes dois rapazes, afinal, na totalidade do seu conteúdo, no complexo das suas incertezas — foi apenas um pedaço de sonho que ficou por concretizar, tão irreal como a própria irrealdade que sempre julgamos perto de nós e para que as nossas mãos em vão se estendem na eternidade da nossa insatisfação.

\*

Agora outra coisa: um pobre casal, para quem a vida custa o preço caro do dia-a-dia arrancado da terra à força de braço, viu-se de repente brindado com a presença de quatro gémeos. A história tem andado aí nos jornais. O casal é mais que modesto mas não se toma de pânico por ver crescer-lhe em número a prole que lhe fará também crescer os apuros. A pobre mãe, rodeada pelo coro dos desajustados, vagidos, julga ter ali a sua corte de príncipes e desejaria que assim fosse pelo caminho da vida fora. Chega a julgar que assim será — levada pelo seu sonho de amor. Quanto pesam ao fim os seus encantos e quanto lhe pesam os desencantos?

**Vida Mundial**  
e ilustrada  
PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR:  
JOSE CANDIDO GODINHO  
EDITOR E PROPRIETÁRIO:  
JOAQUIM PEDROSA MARTINS  
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA  
TELEFONE: 2 5 8 4 4

O dia 24 de Junho é consagrado a S. João. Há quem julgue que existe apenas um S. João. Engano. Existem, pelo menos, dois: o S. João Baptista e o S. João Evangelista. O primeiro baptizou Cristo e designou-o, perante o povo, como o verdadeiro Messias; o segundo foi um dos doze apóstolos e, segundo os historiadores cristãos, desenvolveu-se-lhe as páginas do Apocalipse. Qual dos dois se festeja nesta quadra? S. João Baptista. Mas, à semelhança do que sucede com Santo António e com S. Pedro, a agiografia popular transformou-o numa risonha figurinha de painel de azelejos — ele que foi um modelo de nobre austeridade e de severa compostura!



HÁ coincidências extraordinárias na vida! A mesma hora, quasi no mesmo momento, em que se encerrava na Sociedade Nacional de Belas Artes, a exposição de aguarelas e desenhos de Paula Campos — o grande artista fechava os olhos para sempre, na sua pequena casa da Avenida Almirante Reis. O involúcro físico que guardava o seu espírito desapareceu nas sombras da morte, mas a sua arte, que uma modestia inata tantos anos conservou escondida, essa viverá como uma chama que se acendeu — e que jamais se apagará.



LUIS Forjaz Trigueiros, no seu último volume de novelas — Ainda há estrelas no céu — afirma, mais uma vez, as suas incontestáveis qualidades de escritor. Em plena mocidade — Forjaz Trigueiros tem apenas 28 anos — soube impor o seu nome, realizando uma obra que não deixa de revestir-se dum singular interesse literário. Nem todas as novelas do volume agora publicado terão o mesmo poder de sugestão psicológica, mas algumas delas — Ainda há estrelas no céu, Aquelas mãos, Oeste, vida parada — no seu género, podem apontar-se como exemplos de boa literatura.



ENG. JOSE ULRICH

Foi nomeado, em missão de servir, o chefe do gabinete do sr. ministro das Obras Públicas e Comunicações, pelo que acaba de abandonar o cargo de director dos Serviços de Urbanização e Obras da Câmara Municipal de Lisboa.



DR. ADOLFO MOLLER

Escolhido, por condições de mérito, para Director Geral das Contribuições e Impostos, tomou há dias posse do seu novo e alto cargo.



MÉCIA MOUZHINHO DE ALBUQUERQUE

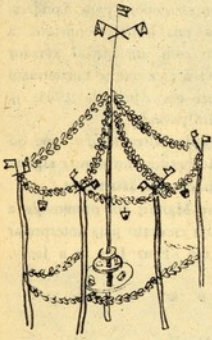
O seu novo livro «Aventuras de Tommy» obteve assinalável interesse, como continuação de um mérito já registado em obras anteriores.



SÃ'JOÃO VAI, SÃ'JOÃO VEM...

# Viva a nossa realeza!

UMA CRÓNICA DE MANUELA DE AZEVEDO



—Dê me tostãozinho p'ró Sã'Joãozinho!...

As duas, às três, às quatro, as meninas do Cabo da Vila entravam pela loja do Truta, do funileiro, da D. Adriana, iam a casa do sr. Santos, pediam ao sr. conde, subiam, desciam escadas numa roda viva, durante dias a fio, ainda lá vinha longe o dia do santinho popular. Elas sabiam que as do Rossio, muito pronósticas

de cada vez!... muito senhoras da parte nova da vila, cheias de fé e de confiança e não me toques, sempre às turras com as do Cabo da Vila — a parte velha do burgo, a parte pitoresca e brasonada — andavam já na pedrinha: éle era a loja d'este, daquele, do Antoninho, do Ramos, todo o comércio forte da terra a abrir a gaveta do balcão e a caixa registadora...

Trim-trim!... E lá saiam aos dois escudos de cada vez!...

Muito baírristas, as da Vila, sem comércio de péso para ajudar à festa, mas muito senhoras da sua missão, cónscias da responsabilidade, apelavam para tudo e para todos:

—Dê meio tostãozinho p'ró Sã'Joãozinho!  
Começava a recolha do dinheiro, começava o despejo da algebrira: fôlhas de papel de seda brilhantes e berriantes, farinha para colar, a guita para os cordões de bandeirinhas, mais as grandes flores de papel e os cadeados de esedas. Dias e dias a fio, mal alinhavada a lição da 3.ª classe, juntavam-se as meninas ao fundo da escada, nos quartos de brincadeira e trabalhavam a sério. Sonhavam com aquilo e aquêle dia um mês inteiro: como iria ficar o altar e a cascata? No ano que passára, as do Rossio tinham-lhes levado a palma... Ah! mas agora!...

—Dê uma prendinha para o bazar!  
E os sabonetes de 5 tostões e as jarras desmobilizadas, as casca de papelão e os cestinhos de fruta começavam a empilhar-se...

—Deixe-me levar esta boneca, e mais esta jarriinha, que é só para enfeitar o bazar e fazer raiva às do Rossio!...

Depois, três dias antes da festa, a comissão organizadora ampliava-se: já não eram só as meninas, eram quantos garotos e garotas quisessem acompanhá-las à mata do sr. conde, para desbastar os buxos, os loureiros e as murtas, donde haviam de se fazer, pacientemente, os grossos cordões de verdura, com que se circundaria o recinto do arraial, com a cascata, o altar e o bazar dentro. O lojista da esquina alugava as bandeiras de pano e os mastros pintadinhos, vendia os foguetes de estroendo e os de lágrimas...

Por fim, mandavam a garotada apanhar musgo, verde e fôfo com que iriam forrar o chão em volta do altar, em volta da cascata...

A cascata! Oh! a cascata era, realmente, o grande problema! O Serafim Fuso já tinha encarrapitado, lá no cimo da árvore, o barrilzinho da água. Pelo cano de chumbo, o líquido precioso corria vertiginosamente. Mas, quando chegava à tina que se encaixara na cova, feita defronte do altar — a maldita engasgava-se e o repuxo não deixava!

Era sempre um trabalho. Mas o rapazinho gostava e as meninas depois orgulhavam-se quando finalmente a água, num esguicho anémico, subia em ar de repuxo...

O altar eram as meninas que o armavam. O melhor lençol de dobra bordada, as toalhas de linho,

as jarras com flores de carne e osso — salvo seja — as velas nos castiçais desirmanados, subiam por ali acima num anfiteatro mais ou menos simétrico. E, lá no tópo — o São Joãozinho de tantas canseiras, muito envergonhado, com o bento corpo coberto pela pele de ovelhinha. Na mão, a vara do pendão e ao lado o santo símbolo da inocência e da pureza — o cordeirinho.

Uma vez houve alvorôço: as meninas lembraram-se de fazer missa campal. Mas, ao cabo, foi um desânimo, que o sr. vigário só com ordem do bispo a podia dizer... Então, fêz-se uma procissão, com andores e anjos que deram a volta ao largo da Feira dos Burros e recolheu ao recinto privado: eram bancos de pernas para o ar, adornados de flores de neve; no cimo, imagens de santinhos de barro. Daquilo é que as do Rossio nunca por nunca fizeram, com «anjinhos» cobertos de mantilhas de seda e asas de papel!

A festa sempre durava dois dias: armavam-se o altar mais a cascata, logo que luzia o buraco do ferrôlho, sem esquecer a vigilância ao rapazio que surripiava os busca-pés, os sabonetes do bazar e as velas do altar. Depois, aí pelas 4 da tarde, com as pernas moidas como o sal, já se podia descansar, comer mastiga de pão e olhar ufantemente para a obra.

Estava assçada!  
Era no largo mais amplo da vila, mesmo fronteiro ao casarão do sr. Conde, muito castelão a presidir à festa, da janela baixa. O povo moço bailava, ginguando o corpo:

*O navio foi ao fundo  
Com uma bala de S. João  
Tic-tac, não é nada  
Viva a nossa reinação!*

Os foguetes a estoirar como o sal das castanhas no assador, estralejavam no ar e o rapazio corria em volta, à procura da cana. Às vezes, quasi sempre, vinha o Zé com a harmonia e o Quim com os ferrinhos. Anotiecia, os balões acendiam-se e queimavam-se as primeiras flores de sedas seguíam-lhe na peúgana, as v. elas, no altar, deixavam pingar a cera na dobra do lençol, para consumição das mamás que o emprestava...

Os montes de rosmaninho cheiroso, verde de flores rúxas, na dor daquele holocausto, contorciam-se e punham ao arder pigarro na garganta das raparigas que saltavam a fogueira:

*Sã'João vai, Sã'João vem!  
Minha mãe por casar me tem!*

Eles, malandros, postavam-se no muro fronteiro, à espreita das rendas das salas das raparigas, à espera que a benzedura lhes quebrasse o enguiço do casamento serôdico.

O povo passa e repassa. Faz comentários, compara: as meninas do Rossio, êste ano apresentaram festa rija...

— Pois sim, mas estas têm repuxo!  
A sucupa, as da Vila vão ver por seus próprios olhos. Cá de longe, já se avistam as luminárias, desde a porta da farmácia à Malta da Ferrusca... E o pinheiro muito alto, muito esguio, ergue-se como um símbolo dantesco e paganíssimo. Ah! elas vão queimar o pinheiro! Amanhã, subirá lá acima o filho do «Inglês», poisará o cântaro de barro com buracos e de bôca tapada, para não fugir o gato preto — entre os ramos do pinheiro... Depois — zás! deitar-lhe-ão o fogo cá em baixo aos ramos de rosmaninho. Pouco a pouco, começará a erguer-se o fumo e as chamas do tronco em brasa, enquanto lá em cima o gato «sobre brasas» desate aos pulos no cântaro, até o fazer ir pelo ar... O povo, emocionado, seguirá o movimento envolvente das chamas, as espirais de fogo, a dança do cântaro e o salto do gato que virá estatelar-se cá em baixo e desatara a fugir e a bufar...  
Oh! tudo aquilo é selvagem, inferior e as meninas

da Vila têm muita pena de não se terem lembrado de arranjar um pinheiro, um gato e um cântaro de buracos!...

\*\*\*

É uma hora da madrugada. Queimou-se o último fogo de artifício, esgotou-se a última gota do barril da água e o repuxo já não pinga. Um arzinho frio, picado ainda das últimas névens da Estrela que se divisa ao longe como um dorso de bicho pré-histórico, põe nos ombros da gente um arrepio fino e penetrante. O povo começou a desandar, a caminho do buraco da casa e as meninas desarmam ensonadas o altar, a quermesse e a cascata. Tudo que seja possível de roubar recolhe a casa, desde os santos aos castiçais, aos balões. Só ficam, no cimo, esfaceladas, as bandeiras e os cordões de buxo mutilados e de braços pendentes. Amanhã também é dia e êles já estão agonizantes!

Uma moirinha humedece o papel de seda das flores, tombam os musgos veludinos e torturados pelos pés...

\*\*\*

Na manhã seguinte, porém, já o Sol resplandece e enriçga o nervo das flores e a seiva do papel — mas não os ossos moidos de quem levou a noite no arraial. Agora os movimentos para os arranjos do segundo dia de festa perderam o nervosismo da véspera. Tudo aquilo sabe a caldo requeentado: já não apetece nada... Lá estão, pois, outra vez, as prendas do bazar que as que são para vender há-de o «Passarinho» leiloá-las logo à boquinha da noite, quando os calcetores, corrida a porta ondulada e postos os taipais, subirem a quatro e quatro e avenida e vierem do Rossio até à Vila:

— Olha, também cá está o Dr. Mário...  
— E não vês o sr. administrador?  
É uma honra! Agora é que é apregoado:  
— Uma cestinha com cerejas! Dez tostões! Quem mais dá? Não dão mais? Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três!

O Fuso não tem mãos a medir: o cano rompeu-se, a água sumiu-se, a cascata ensopeu-se, uma jarra partiu-se, uma vela tombou-se, uma toalha queimou-se, um balão estragou-se — e a festa acabou-se!

Já se não ouvem as raparigas:

*O Sã'João da Figueira  
Escreveu ao de Létria  
Que lhe mandasse dizer  
Quando chegava o seu dia...*

*Ala, ala, Sã'João, ala, ala  
que êste tempo  
é que nos regalal*

A tarde desce mais depressa com a fadiga do dia. A bandeja que circulou de vez em quando entre os basbaques rendeu quinze tostões, as prendas deram cinco mil réis, devia-se o dôbro na loja da esquina e fica dado o balanço: uma jarra queimada, uma jarra partida, uns ossos moidos, três semanas de lições atrasadas e uma festa que fêz inveja às do Rossio!

\*\*\*

Cá fora, os últimos mestros ergueram-se com as guedelhas das bandeiras a esvoaçar. Saltaram as pedrinhas da calçada, os cadeados de papel lembram intestinos de uma ilusão risonha posta ao sol, os tapetes de musgo e o buxo dos cordões jazes pisados, viscosos, sobre a terra que chora de saúde e de fadiga!...





# 7 dias de CINEMA

POR FERNANDO FRAGOSO

CHEGARAM jornais e revistas de Hollywood. Não sei se o leitor sabe exactamente o que isto quer dizer. Desde que a América entrou na guerra deixámos praticamente de ter notícias directas da Meca do Cinema. Só de longe em longe, o correio nos traz, carregadas de carimbos e barradas pela tarjeta branca da Censura Postal, as publicações e magazines que nos falam da Cinelândia e da sua gente. Quando tal sucede — é um dia de festa. E como o Clark Gable, a Rita Hayworth, a Dorothy Lamour e o Gary Cooper são como que velhos parentes que nos visitam de vez em quando, o papel impresso que Hollywood nos manda, com os escândalos e os «potins», e os boatos e as notícias dessa boa gente são para nós, como a carta que o compadre lá da terra manda ao conterrâneo que foi para a cidade — e que lêmos com idêntica avidez e a mesma curiosidade.

Ora os filmes da semana transacta — americanos, ingleses, espanhóis e italianos — uns melhores, outros piores, podem passar sem menção especial. E porque o leitor desta página, cinéfilo mais ou menos convicto, tem também, por certo, em Hollywood, alguns parentes nos estúdios, talvez prefira a diversão e queira folhear comigo as gazetas «yankees», a ver o que dizem. Assim...

\* \* \*

Mickey Rooney foi requisitado. Nem mais nem menos. Irrequieto, insubmisso, neurasténico, vergado ao péso do desgosto da sua reduzida estatura lhe não permitir ingressar nas fileiras, Mickey quis alistar-se como voluntário nos serviços auxiliares. A guerra preocupa-o e Andy Hardy pensa que no momento em que Clark Gable joga a vida nos «raids» sobre a Europa, agarrado à metralhadora da sua «Fortaleza Voadora», ficará diminuído pelo facto de não estar *in the army* ou *in the navy*...

Mickey desobedeceu à ordem do estúdio e ausentou-se para determinado local, onde se aceitam voluntários para missões de guerra. O sr. Mayer — com quem aliás ele costuma discutir os seus contratos — não gostou da brincadeira e teve que munir-se duma ordem assinada pelo próprio Presidente Roosevelt para levar a sua ovelha ao redil. A ordem rezava assim: «O cinema é uma indústria de guerra. O actor julgado indispensável pelos estúdios, considerar-se-á mobilizado e deverá prestar serviço como se estivesse na linha da frente, com a mesma devoção e o mesmo entusiasmo, de bem cumprir.»

\* \* \*

Veronika Lake teve que mudar de penteado. Eu não sei se o leitor se lembra da primeira versão «visagista» da loira e aparentemente tuberculizada vedeta. Sobre os ombros caíam-lhe desordenadas madeixas loiras, esparsas e difusas, como a verdade nas notícias da guerra. A madeixa da esquerda tapava o olho do mesmo lado. Como os ciclopes, Veronika Lake, que não é vesga, tinha apenas um órgão visual, sem ser camuflado...

Até aqui tudo vai bem! Cada um usa o cabelo

como quere — e felizes daqueles que o têm em quantidade suficiente para todas as fantasias... O pior é que Veronika Lake fez escola. Cerca de duzentas mil raparigas americanas — não sei se o Instituto Gallup garante o número — adoptaram o penteado mono-ocular, chamemos-lhe assim... No entanto, daí não viria grande mal ao mundo, se essas raparigas não se houvessem tornado operárias de fábricas de material de guerra, sempre com a madeixa esquerda a encobrir meia face do mesmo lado, numa espécie de quarto minguante facial... Mas dirá o leitor — que mal há nisso? Um cabelo num prato de sopa pode causar uma catástrofe. Mas que têm que ver os canhões e os obuzes, com as madeixas mais ou menos lacustres da Veronika... Lago?!...

A razão é simples: Privadas de um dos seus olhos — provavelmente, lindos olhos — as operárias, que não estavam em terra de cegos, quando não só com um olho seriam rainhas, começaram a «embulhar-se» nos maquinismos — e daí acidentes mais ou menos graves. Acidentes, interrupções, operárias a menos, etc.

Para resumir: Veronika Lake foi convidada a mudar de penteado — e agora, pasmem, leitoras! — «para não entravar o esforço de guerra!»

\* \* \*

A Fox anuncia: «As vidas célebres, na tela!» E depois declara «que prepara uma grande série de biografias!» E vejamos a lista: Victor Hugo, génio literário da França; general Giraud, chefe dos Exércitos Franceses do Norte de África; o Conde de Suffolk, fabuloso aristocrata inglês; Norman Bethune, fundador dos «Depósitos de Sangue» para as transfusões de emergência, na guerra; Bernadette, visionária de Lourdes; John Philip Souza, o grande compositor norte-americano (é assim que diz o anúncio), rei das marchas militares; e Touhy, o último «gangster» de Chicago.

O programa é vasto — e ambicioso! Oxalá se cumpra. Pela nossa parte, só reccamos que o Departamento dos Argumentistas, preocupado com tantas vidas, baralhem umas com as outras e que acabemos por ver Victor Hugo, em África, exortar os franceses à união, ou que John Philip de Souza, ao

som do «Stars and Strikes For Ever» fazer uma transfusão de sangue, que salve da morte Touhy, o último «gangster» de Chicago...

\* \* \*

Hollywood produz constantemente, intensamente, numa obsessão compreensível, filmes da guerra sobre filmes da guerra. O toque de cessar fogo levará mais tempo a ser cumprido na tela, do que nos campos de batalha...

\* \* \*

Carole Landis chegou, uma noite a Portugal, vinda da América, e partiu horas depois para Londres. Vimos, semanas passadas, nos jornais londrinos, a notícia do seu casamento com um oficial aviador inglês — e tudo nos levava a crer que se encontrasse ainda em Inglaterra. Pois em Abril de 1943, já estava de regresso, em Hollywood.

Com ela, vinha a azougada Mitzy Maifair, que no solene «hall» do Aviz, não hesitou em mimar alguns passos de dança, para goáudio dos assistentes.

A notícia é esta: Mitzy Maifair foi promovida a vedeta do cinema e assinou contrato para interpretar o papel de protagonista em «Four Jills in a Jeeff».

\* \* \*

Morreu, no Canadá, o Dr. Dafoe — que foi o anjo tutelar das «cinco gémeas de Dionne». O cinema revelou várias vezes o bom médico, a quem as pequenitas canadianas devem a vida. Se as lágrimas das crianças garantem um lugar no Céu, o Dr. Dafoe subiu à Eternidade, com as primeiras lágrimas sincronas das gémeas — no primeiro desgosto comum...



Deanna Durbin vende o emblema da Cruz Vermelha, a favor da benemérita instituição, e coloca-o ao peito do produtor Joe Pasternak.



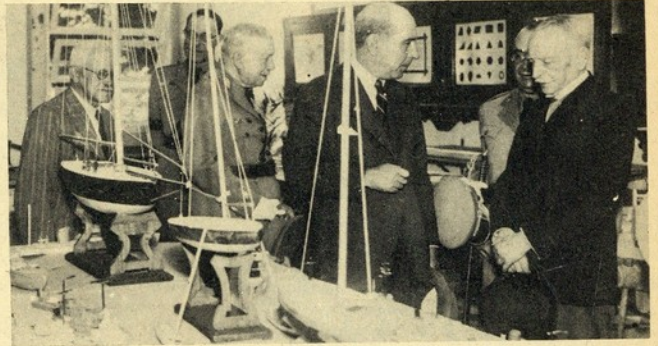
Charles Boyer almoça com a dactilógrafa Isabel Lounsberry, vencedora do concurso da melhor carta subordinada a este tema: «Eu gosto de Charles Boyer».



# Actualidades GRÁFICAS



A esposa do Chefe do Estado e o sr. Embaixador e Embaixatriz de Inglaterra estiveram na inauguração da exposição de trabalhos dos prisioneiros de guerra, organizada no salão de «O Século», pelo presidente da secção inglesa da Cruz Vermelha Portuguesa.



Acabaram as aulas no Colégio Militar. A festa de encerramento do ano lectivo, teve a presença do sr. Presidente da República, que muito elogiou e exposição de trabalhos executados por alunos daquele estabelecimento de ensino.



A política de boa vizinhança com a Espanha, mantém-se viva, através de manifestações do melhor entendimento. Por isso a vinda a Lisboa dos cavaleiros espanhóis — que tomaram parte no Concurso Hípico Internacional — serviu de pretexto, como este banquete oferecido pela Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, para demonstração da amizade luso-espanhola.



Os banquetes de confraternização do curso médico de 1915 marcam sempre como acontecimento lisboeta. Desta vez, porém, foram três solteiros contra 23 — que tantos eram os casados a quem os primeiros ofereceram o banquete, como se vê na foto...



O sr. Presidente da República presidiu à sessão de encerramento do ano lectivo no Instituto de Odívelas. Ao acto assistiu também o sr. Subsecretário de Estado da Guerra.





A pequenina princesa Maria Pia, filha do príncipe de Piemonte, herdeiro do trono de Itália, foi há dias, à cerimónia do crisma. Serviu de madrinha a duquesa de Aosta e assistiram ao acto religioso os pais e os irmãos da princesinha.



# Portugueses NO ESTRANGEIRO

## Na America



Esteve recentemente nos Estados Unidos da América do Norte uma missão de oficiais da nossa aviação, que vemos nesta foto, de visita a um bombardeiro «Liberator».



...e de oficiais de marinha que aparecem na foto, junto do comandante da base de operações navais de Norfolk.

## Em Vichy



- 1—O encarregado de negócios de Portugal em Vichy—à direita da foto— ofereceu uma recepção a que assistiram elementos do mundo oficial francês. 2—Entre a assistência viam-se os srs. Cathala, ministro das Finanças, Rochei, secretário geral dos Negócios Estrangeiros, e mons. Valeri, núncio apostólico. 3—O secretário geral do Ministério de Informações, sr. Bonnefoy, que vemos na foto, de frente e à direita, animando um grupo de franceses, amigos de Portugal.



# "A casa do artista"

ESTÁ ALI NA  
"Stop"



**A**QUI está uma organização que a maior parte dos lisboetas desconhece. Apontamo-la, porque temos esta certeza: nós temos tempo para saber tudo, menos para aquilo que nos faz falta ignorar... Pois, aí está: sabe o que é a «Casa do Artista»?

Nós cremos que é realmente uma organização modelar, uma coisa que fazia falta e que preenche um espaço em branco, na nossa vida artística. Pois não é verdade que Lisboa sentia a falta de uma casa onde pudesse estar permanentemente em contacto com os seus artistas plásticos? É certo que a cidade tem os seus estúdios de exposições — uns do Estado, outros de iniciativa particular. Mas, passada a exposição, colectiva ou individual — que é feito dos artistas, pintores e escultores? Quem os vê mais, quem os encontra, quem lhes sabe a morada, por muito que seja o interesse posto na encomenda de um quadro ou de uma escultura? Depois, que farão eles, os artistas, que quase nunca têm local para expor amiudadas vezes e manter com o público o contacto permanente da sua arte?

O quadro que entra no Museu pertence já ao passado, é matéria consumida e arte feita inércia. As exposições nos estúdios obrigam a abundância de obras, nem sempre compatível com as determinantes imponderáveis da vida — por consequência dificultam o contacto do artista com o público. Pois foi para acabar com problemas de certo modo embaraçosos que a Stop — Sociedade Técnica de Organizações Publicitárias — criou a «Casa do Artista», ali na rua Nova da Trindade, onde a Arte se oferece aos olhos de quem passa, como os frutos silvestres debruçados na borda dos caminhos...

Passámos nós também ali um dia destes: que magnífico exemplo, que excelente iniciativa! Nessa pequena «boite», a que não faltam gosto nem simplicidade requintados — lá estão representados os artistas mais apreciados da nova geração e que citamos por ordem alfabética:

Almada Negreiros, António Duarte, António Pedro, Bernardo Marques, Cândido, Carlos Botelho, Estrela Faria, Fred, Júlio de Sousa, Luciano Santos, Maria Keil, Mário Eloy, Ofélia Marques e Tomaz de Melo (Tom).

É uma parada de arte moderna, uma revelação que se renova cada vez que o leitor por lá passar e — vá lá, sem reclame — adquirir um dos trabalhos expostos, obrigando o autor a preencher o vazio que ficou...

A iniciativa pertence a Carlos Rocha, um artista que soube escolher os nomes que haviam de figurar na «Stop» — e ao sr. Ferreira de Almeida, uma experiência viva da arte de bem vender toda a tela... de valor real, definitivo!...

Como funciona, pois, a Casa do Artista?

Cada um dos que faz parte — digamos assim — daquela sociedade sem quotas nem estatutos, manda para ali os quadros, que ficam expostos e à espera de comprador. O artista faz o preço... e acabou-se. O amador de arte sabe que compra a obra pelo seu valor artístico, e nunca pelo seu valor comercial. A Casa do Artista, de resto, vai dar que falar de si: além de exposições mais largas, individuais e colectivas, está a organizar para Outubro a Exposição da Criança.

Desde os vestidos e toucas, até aos quadros e móveis para uso de nossos filhos — tudo sairá do lápis mágico de artistas modernos, desses que o público e a crítica consagraram.

Depois, a Casa do Artista, que expõe os mais lindos ferros forjados e cobres, desenhados por Tom — projecta ainda outras realizações. Mas essas — como uma Revista de arte — estão ainda no segredo dos deuses e levantar o véu do mistério pode parecer indiscreção...





# O BRASILEIRO

## SABE PORQUE ESTÁ NA GUERRA?

### diz-nos O ESCRITOR RIBEIRO COUTO



**E**STE rapaz de quarenta e poucos anos, que é paulista e veio como primeiro secretário para a embaixada do Brasil, é um dos moços da sua terra mais cotados como escritor e poeta. Mas vive a vida do mundo inquieto no seu papel de diplomata: representa um país e tem uma missão a cumprir fora da sua terra. Como aborda-o, então, sem esquecer essa função e com a presença do camarada que há 15 anos se debruça sobre os linguídos do «Jornal do Comércio», de S. Paulo, a redigir reportagens e rever provas?

Depois, Ribeiro Couto é, além de poeta, jornalista e prosador vernáculo — um amigo das nossas letras, e um amigo de Portugal. E ele quem nos diz:

— O primeiro livro que li tinha 13 anos. Chamava-se «Lisboa Galante», e era assinado por Fialho... Li-o gulosamente, escondi-o secretamente, como se fosse uma namorada... E que bem que me soube a ironia maliciosa de Fialho...

Ribeiro Couto sabe de cor passagens desse primeiro contacto literário.

— Mas, que admira? A contribuição da literatura portuguesa na formação da cultura brasileira foi formidável. E é preciso que volte a sê-lo. Durante muitos anos, citavam-se os escritores portugueses como quem fala do Evangelho: «lá diz Camilo, na página tal...»; «como diria o Eça, se aqui estivesse»...

— Mas, então, os nossos escritores actuais? — Aquilino faz escola no Brasil, Ferrيرا de Castro serve de assento do dia, João de Barros anda na boca dos nossos poetas.

— Nos moldes do intercâmbio? — Por favor! Tenho horror a essa palavra, que me lembra um «dossier» burocrático... Digamos entendimento, conhecimento puro, para nos e estímulo.

— E o que será preciso fazer para continuar no caminho dessa finalidade?

— As camadas intelectuais são os elementos de acção e reacção social na maioria dos campos da actividade humana. Por que não há-de, então, caber-lhes a missão de espalhar sementes de boa estima e de bom entendimento? Se os escritores portugueses citarem nas suas crónicas, nas suas conversas, escritos, brasileiros — a minha terra adquire aos vossos olhos um prestígio invulgar só comparável ao da força, pela vitória na guerra...

Será ocasião de falar a um brasileiro, em funções oficiais no nosso país, o que pensa da guerra e o que será o mundo de amanhã? Um rodeio dá-nos a resposta:

— O Brasil sabe por que está em guerra e por que princípios se bate. N'os próprios, ao lado do Presidente da República, antes da declaração de guerra, tivemos a nossa luta de idéias. Uma luta que se mantém no Brasil e em todo o mundo em guerra, aliás. O Brasil é um país de liberdades natas onde a palavra imperialismo não se adapta às condições de vida. O brasileiro é o primeiro por índole e por imposição natural dessas mesmas condições de vida. Como havia, então, o homem cor-deal, como lhe chamou Zweig, de procurar na guerra a solução das crises políticas? Quem conhecer o Brasil há-de saber que a sua luta pelas armas há-de sobrepor-se a vitória no mundo das idéias pela persuasão das palavras e dos actos. Essa a nossa grande batalha.

\*\*\*

Se o leitor estiver familiarizado com os problemas do Brasil, há-de saber que, de facto, existe para ele — como, de resto, para a quasi totalidade dos países sul-americanos — esse aspecto delirante que é o das minorias, o dos grupos raciais que principiam no Rio de Janeiro e cravam profundamente as raízes em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Perante a afabilidade das leis brasileiras, esses filhos *vis soto* mantêm contacto com as pátrias de origem, como a árvore que se agarra à terra que lhe vai presa às raízes.

— Gaherá então a Portugal, em relação ao Brasil, um grande papel desassimilador. A imigração por-

tuguesa para o Brasil constituirá uma das razões do triunfo da nossa velha amizade e da compreensão entre os homens brasileiros. Repare que nenhuma imigração convém tanto aos Estados do sul brasileiro, como a dos homens da sua terra. Pelos princípios inmutáveis da língua, da religião, da moral da família e do trabalho, o português é elemento fundamental na formação da étnica brasileira...

— Pensa, então, que o futuro trará vantagens às relações luso-brasileiras?

— Indiscutíveis vantagens. As facilidades de comunicação que se seguirão à vitória das Nações Unidas, aliadas às facilidades já criadas com acródis posais e telegráficos, não-deixam de manter os nossos países num activo entendimento afectivo, económico e literário.

\*\*\*

— Pensa que a guerra influiu já na construção literária do seu país?

— A literatura de guerra existe hoje em todo o mundo. Aliás, existe já em Portugal... Podemos falar de flores, de santos ou de pão, sem que falemos na guerra: a sua presença, entretanto, é palpável em cada página, em cada linha...

— Pensa escrever, agora, em Portugal?

— Para lhe falar com verdade: não penso em nada que não seja trabalhar pela vitória do meu país. Qual será a minha contribuição mais útil? Não creio que o escrever seja, neste momento, função muito eficaz. Ai está porque penso em tudo, menos em fazer literatura... pelo menos literatura pela literatura...

— Mas tem idéias que conviriam ao nosso mundo de relações...

— Eu lhe digo: tenciono fazer uma conferência — a única que farei, precisamente sobre o problema da imigração portuguesa para o sul do Brasil. É um assunto que convém desde já ir agitando nos dois países, como realidade e realização imediatas ao fim da guerra. E, como deve compreender, nesse campo de conversa, cabe tudo quanto se queira dizer sobre relações luso-brasileiras...

\*\*\*

Estas podiam ser as últimas palavras de um escritor brasileiro ligado à embaixada do Brasil em Lisboa. A entrevista está, de facto, encerrada — mas até onde nos poderia levar a reportagem literária à volta do mundo íntimo de Ribeiro Couto?

Conhecem o seu hermetismo «De Menino doente a rei de Pasárgada»? Conhecem o «Jardim das Confidências», em que o poeta se dá todo na luxúria da sua bondade humana?

Ah! mas digam francamente: sabem quem é Ribeiro Couto?

Aí está: não sabem. Ele apareceu à maioria dos portugueses, pela primeira vez, no dia em que as agências telegráficas nos deram a notícia da sua escolha para primeiro secretário da embaixada do Brasil em Lisboa. Mas o público não se apercebeu de que ia ter junto de si o mais fidéjmo espirito da amizade brasileira, um discípulo afectivo da amizade de Bilac, Paulo Barreto e de Cândido de Campos...

A diplomacia atrairá-o por essa Europa fora — mas o contacto com os problemas do mundo e com outras civilizações só lhes encorajaram a noção da nossa — a portuguesa e a brasileira — força esportiva, esclarecendo-lhe os motivos e os princípios dos destinos das duas pátrias.

Os jornais anunciaram a sua vinda. Mas a sua presença em Portugal era já familiar de escritores: através do que escrevia e pensava; através das suas passagens pelo norte, principalmente pelo Porto, na convivência de Casais Monteiro e outros que a boa estima levava ao círculo fechado das suas relações.

— Sou, por temperamento, alheio às grandes rodas de amizades. Gosto de escolher os meus amigos e não de aceitar a presença daqueles que o querem ser — disse-nos ele num parêntesis de entrevista. — E gosto de me abelhar, a horas mortas, desses pobres rapariguinhos que vêm em couteiras, desses rapazes que só regressam à casa quando tiverem vendido os jornais que a miséria exploradora dos pais lhes meteu nas mãos...

Um dia, Ribeiro Couto entrou numa casa de chá à 1 da manhã. Atrás dele, seguiu um rapazito de oito anos. Era tão franzino que parecia ter cinco. Apregoava jornais. Ribeiro Couto chamou-o, comprou-lhe a «mercadoraria» e perguntou-lhe onde morava. Lá fora, um irmãozinho de 11 anos, tão enorriado como o mais pequenino, aguardava os últimos fregueses, para vender os últimos jornais. O autor de «Nordestes chamou um táxi», meteu-se nele com os rapazes e levou-o a casa dos pais, que dormiam a essa hora o descanso dos justos...

— Essas crianças, tristes e enfadadas, foram os meus primeiros amigos à chegada...

\*\*\*

Para que dizer onde se passou a cena dolorosa? Aqui, na Holanda, em França, em Inglaterra, nos Estados Unidos — em qualquer parte onde a miséria impera. Ribeiro Couto é o mesmo em toda a parte. Tem aos punhados de amigos destes, criados pela miséria, aproximados pelo infortúnio. E quem melhor do que ele sabe debruçar-se sobre o infortúnio das vidas sombrias que se agitam na sombra das civilizações requintadas?

— Mas também sei compreender a luz do sol da sua terra! E as maravilhas da natureza! E os rectos desta Lisboa característica...

Um dia destes, Ribeiro Couto seguia no seu carro. De repente, travou. Que era aquilo? Ah! o jardim das Amoreiras, com as suas árvores repousantes e os seus arcos magníficos do século XVIII! Ribeiro Couto viu-o assim:

— Uma pérola escondida na mão fechada, que de repente se abre...

Ele, de resto, adora a Lisboa literária do século XIX, com os seus hicos de gás, as suas bréculas — sem fados... — e o luar a coar-se através das ruas estreitas da velha Alfama.

\*\*\*

Enfim: Ribeiro Couto está entre nós. Daqui a pouco, vai-nos chegar o seu último livro acabado de imprimir — «Cancioneiro do ausente». Casais Monteiro vai-nos dar um estudo do autor do «Menino doente». Ele será, portanto, o mais vivo e brilhante dos embaixadores da literatura moça do seu país, que tem o mérito, como o não tem o nosso, de criar académicos aos 36 anos. De facto, Ribeiro Couto pertence à Academia de Letras desde 1934, porque a Academia lá é um organismo activo. O académico brasileiro não é o reformado das letras; entrar para a Academia não é consagrar a obra realizada, mas em realização. É o triunfo do escritor em acção:

— O contacto de Coelho Neto e de Bilac não podia deixar de me impressionar. Mas o seu convívio, para lá da morte, que ainda hoje me merece respeito — não podia deixar de manter-se estranho à minha maneira de ser. Nós, os novos, vivemos a vida do nosso tempo...

O escritor, que pela voz do diplomata havia de primeiro lançar na Conferência de Cuba o seu protesto contra o fustilamento de reféns, como castigo de revoltas e assassínios que não praticaram — dava ainda uma segunda página de revista, se quisessemos falar dele.

Mas valerá a pena? Ribeiro Couto, pelos seus actos, não falará de si com mais propriedade do que nós, por mais que o acarinemos na boa vontade da nossa melhor estima?

Atentos, pois: Ribeiro Couto vai entrar em acção!

O Livro do Momento

### A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

(Resumo histórico da aliança, entre Portugal e a Inglaterra)

Por RAFAEL MARÇAL

À venda em todas as livrarias  
Uma magnífica edição de «VIDA MUNDIAL»



O Prof. Reinaldo dos Santos, místico da arte e da ciência, dado à literatura e à crítica e investigação artística, é dos mais complexos vultos da vida portuguesa contemporânea. Mais do que uma contribuição para o progresso das artes e ciências, a sua actividade constitue já hoje uma obra magnífica de divulgação e de análise. O nosso caricaturista Santana viu o ilustre director da nossa Faculdade de Medicina e presidente da Academia das Belas Artes, tal qual costumamos encontrá-lo na Academia das Ciências: operando com arte e criticando com ciência...





# DO CADERNO DE UM REPORTER

Por CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

No dia cinco de manhã, acordei para o «meu» terceiro dia de guerra. Fui sempre belicoso a distância; e, em especial, quando não corria perigo algum. Ou julgava não haver, como então considerava com alegre e inconsciente infantildade. Já meu pai tinha outra opinião. Homem ponderado, detido pelos acontecimentos e por umas anginas aborrecidas, guardava o leito há dias. Temia por nós, e em especial por mim, ao ver-me de cabeça voltada para o rio, no vão desejo de ver as granadas, cuja crepitação ouvia. Precede este fenómeno aquêle e só ganhei uns apreciáveis puxões de orelhas.

## «ELA AI VEM!...»

A minha rua continuava inerte. Interceptados todos os caminhos que a Lisboa conduziam, qual a lavadeira ou vendedor de hortaliça suficientemente atrevidos para guiar o tristonho burrico das distantes terras dos saloios à estalagem acolhedora da rua da Rosa?

Ela, asilo de bipedes e de quadrúpedes, lá estava, é certo, no alto do quarteirão, partindo a meio mesmo a metade da velha rua, com o coração entristecido, a portada morta e os brunidos poiais de pedra onde as saloias espetavam as trouxas de roupa, escorrendo intimidades domésticas, como se fossem virgens do Lácio invocadoras do Deus reproduzido das Sabinas e não agrestes e terminantes matriarcas dos termos de Caneças e Porcalhota. A desolação alastrava pela cidade. O colapso das suas energias quanto tempo duraria?

Assim meditava, ao sol do meio dia, e nestes e outros temas portentosos, quando vi e ouvi algo de inaudito:

Fronteiro quasi a minha casa, havia um algibebe remendão, conhecido pelas suas opiniões acomodaticamente monárquicas. Vi que o homenzinho, chegado da Baixa, sem dúvida, mantinha a suja porta da ensebada lojeca aberta e berrava a todos os vizinhos:

— Ela ai vem!...

## PODE SER UM «BUFO»...

— Qual «ela»? — interpeleou-o um vizinho. E ele, solene, como se acabasse de ver a sua estrada de Damasco:

— Qual? A nossa República!

Resmungou meu pai:

— Tenham cuidado, rapazes! Esse «tipo» é suspeito! Pode ser um «bufo», um provocador...

Brotara, porém, o primeiro adesivo. Minutos decorridos já o impávido desvergonhado descrevia, com a exuberância de um falso proto-mártir, o que se passara. Dentro em pouco estava tudo a ouvi-lo, de nariz arrebitado.

## UMA VEDETA DE ARTELHARIA

Eu saltara de casa, sob o pretexto apreciavelmente incendiário de comprar uma caixa de fósforos. Subi, a correr, as casas que nos separavam da esquina dos «Inglesinhos» onde morava meu avô.

Também lhe custava a acreditar. Nisto, ao chegar a uma janela que a sua arte convertera num autêntico parque-jardim-horta suspenso, mas onde lhe comiamos umas nes-

peras muito pequenas e doces, ouviu tropel de montadas na travessa. Debruçou-se e ficou boqui-aberto:

— Oh!

A esta exclamação, seguimos-lhe o movimento e olhámos: uma cansada parelha de mulas de artilharia que entrava no bairro ruidosamente montada por serventes de armão. Estes, já rucos, e todos cobertos de pó, gritavam brandindo as carabinas da época.

— Viva a República! Viva o povo!

E mostravam, para convencimento do interdito público, os raminhos de papoulas rubras e verdes espigas que ostentavam.

## A MUNICIPAL: FARDAS VERMELHAS, CORREIAS BRANCAS

Safei-me, escada abaixo, e para ter a minuciosa certeza do que vira, cortei à travessa da Queimada. Dali, alcançava perfeitamente os guardas municipais. Usavam, ainda, as fardas vermelhas, com correias brancas sobrepostas. Isto, tanto na infantaria como na cavalaria. Tropa de escólia, gozava de excelente reputação. Pouco depois, reconhecida pelo seu comandante, o general Malaquias de Lemos, a impossibilidade de resistir, e mais do que impossibilidade a inutilidade dessa resistência, as guardas municipais dissolviam-se, para se reconverter em guardas nacionais republicanos, conforme a história assinala e eu considero inútil reproduzir.

Concluída a minha instintiva reportagem, logo regressi aos próximos e paternos lares. Nesses contei tudo e recebi a competente reprimenda e pública carícia, a fim-de ficar sabendo que um menino de nove anos não deve meter o nariz onde não é chamado!

Mas logo, para comemorar o dia, sem dúvida solene, meu pai me anistuiu.

## O CAMINHO DA AVENIDA: UM GRITO POR ENGANO

E, nervosíssimo, ante o inacreditável acontecimento, permitiu que o acompanhasse, com meus irmãos e minha mãe, até à Avenida.

— Mas tenham muito cuidado! A primeira barulheira que se ouça, é preciso ter juízo e saber voltar a casa com a cabeça inteira. Que as coisas não estão firmes como para ai dizem...

Ele expeliu a febre das anginas em meio de tantas emoções, e as pontas infectadas destas, ao abrirem-se, numa torrente depuradora, haviam-no deixado com a garganta livre.

Lá seguimos em obediente cacho, apertando-lhe as nudosas mãos. Nesses tempos, consideravelmente primitivos, a via mais breve de acesso, era a calçada da Glória. Curtos minutos bastaram, portanto, para nos pôr junto ao corêto.

Enquanto as bandas populares, espontaneamente, afinavam os compassos da, até então, subserviva «Portuguesa», metia medo o espectáculo de tanta gente na Avenida. E às golfadas sucediam-se outras, de cada vez mais densas. Nisto, quando parecia inaudita a existência dessas centenas de milhares de pessoas em Lisboa, troaram os canhões na Rotunda e alguém gritou:

— Ai vem o Couceiro!

Foi uma debandada geral.

## O GOVERNO PROVISÓRIO E A «PORTUGUESA» ATÉ FARTAR

Felizmente logo suspensa. Surgiu, espontaneamente, da multidão abandonada a si própria, uma reacção orgânica de ordem. Gente de todas as idades e condições, bradava:

— Não é nada! É o governo Provisório que chega à Rotunda e os canhões salvam, no mar e em terra! São salvas! Viva a República!

Eu perdera, apenas, meia dúzia de botões de metal. Sentia várias amolgadelas mas não me quis queixar. A verdade é ter entrado e saído do acto proclamatório com alguns puxões, quer de orelhas quer dados à valentona — os primeiros, familiares; os segundos, anónimos e irresponsáveis.

Mas que importa isso comparado à satisfação de poder gritar orgulhosamente, tal qual o meu vizinho algibebe-remendão:

— Ela ai vem!

Foi o que fiz, o mais convictamente possível. Ao certificar-me, no entanto, de que não cometia nenhuma proeza original, emudeci. Fracassado em tudo, abandonei-me a uma precoce neurastenia e deixei de cultivar as ciências e as artes. Ofícios, cultivei-os, mas foi mais tarde. Isso, porém, como diria Rudyard Kipling (já cá faltava a citação de estranho escultor anglo-hindustânico) é outra história.

Fiquei a ouvir os outros e só peço aos santos da corte celestial que me livrem, nesta e noutra vida de uma mudança de regime e hino. É coisa incômoda, e leva a desastres auriculares, quando não a perversões irreparáveis, ter de ouvir coros bárbaros, durante dias eternos, a estropear um hino simpático, maçador e simples, como é o nosso.

## A PATRULHA DA PAZ E A CARABINA DA GUERRA

Nesses dias de tortura acústica, serviu-me de lenitivo este paradoxo: as noites. Apesar de todo o nosso civismo, temeu a policia, ou chegou mesmo a averiguar, este facto nada enterrecedor: aumentava a quantidade e o valor dos latrocínios.

De um modo geral, a população portava-se mansamente. Mas fôsse pelo que fôsse, e a despeito de os bancos estarem guardados por rapazio descalço e esfarrapado, o tímido burguês receu pela sua integridade.

E fez publicar umas ordenanças de policia e voluntariado, dignas de uma cidade sitiada. As nove da noite, a manifestação do entusiasmo popular, as congratulações inter-bairros e inter-portas — eram rigorosamente suspensas.

A minha rua viu-se restituída à mais absoluta tranquilidade. E eu fiquei, tranquilíssimo, a ler quaisquer volumes de Júlio Verne, enquanto meu pai, com o farmacêutico Pinharanda e o droguista Oliveira Magro, se sacrificavam pela nascente democracia, patrulhando todos os recantos da rua com longas carabinas «Kropatchek», do velho modelo já pôsto de lado até pela guarda fiscal, e só voltando às casas, encharcados pelas orvalhadas matinais.

E para que a paz fôsse absoluta, meu pai foi ao ponto de sacrificar um horrível gaolão de grilos com que nos matava o bicho da orelha, despótica e democráticamente.



# COMO NOS CONTOS DE FADAS...



## A BANDEIRA americana

**D**ESDE 1916, há na América um dia diferente de todos os dias: em todas as cidades, grandes metrópoles ou pequenos aglomerados de província, flutuam milhares de bandeiras, para comemorar o dia 14 de Junho de 1777.

Instituído pelo Presidente Wilson, com o nome de «Dia da Bandeira Americana», o 14 de Junho fala-nos daquele momento — um ano depois da declaração da independência — em que se reuniu o Congresso em Filadélfia, antiga capital dos Estados Unidos, para aprovar o novo símbolo da pátria — a nova bandeira americana: treze listas, alternadamente vermelhas e brancas, treze estrelas brancas, sobre fundo azul.

Nos anos seguintes, este desenho havia de ser ligeiramente alterado, com a adição de uma nova estrela por cada Estado a mais que se incorporasse na União. Porém, a base do desenho permaneceu tal qual havia sido concebida.

Onde teria essa bandeira sido inspirada? Quem teria, em primeiro lugar, tido a idéia do símbolo representado por branco para pureza, vermelho para valor e azul para justiça?

As crianças das escolas sabem de cor a história de uma senhora daquele tempo, chamada Betsy Ross, que cosu com ardor o símbolo das treze listas e das treze estrelas, significando as treze colónias unidas na luta pela independência...

\*\*\*

Segundo a tradição, a senhora Elisabeth Griscom Ross era uma hábil costureira. Morava próximo do grande edifício em Filadélfia, onde se reuniu o Congresso. E diz-se que, entre os grandes trabalhos de alta costura que ela executava, estavam os rufos das camisas de George Washington, comandante supremo dos exércitos americanos. Se isto é ou não verdade, não se sabe. Mas sabe-se que, sempre que alguém na cidade desejava trabalho de costura mais perfeito, era a ela que o pedia.

Certa tarde — no verão de 1776 — entraram na humilde casa da senhora Ross três distintos cavalheiros. Um deles era um seu tio por afinidade, o coronel Ross, outro era Robert Morris, rico banqueiro que emprestou ao Congresso os fundos necessários para que fosse à frente a revolução, e, finalmente, o último, era o general George Washington.

— Minha senhora — começou a dizer-lhe o general Washington — acabamos agora de sair do Congresso, onde foi aprovado o modelo de uma bandeira. Gostaríamos que fosse executada por si.

— Não sei se serei capaz... — replicou a modesta senhora — No entanto, verei o que posso fazer. Poderei ver o modelo?

A senhora Ross e os três cavalheiros sentaram-se então à roda de uma mesa e o general Washington tirou da algibeira um esboço grosseiramente desenhado. A bandeira — explicou ele — devia ser constituída por treze listas, alternadamente ver-

melhas e brancas. No canto superior esquerdo, devia aparecer um fundo azul, sobre o qual, irregularmente espalhadas, brilhariam treze estrelas brancas.

— Com as estrelas — continuou o general — representamos o céu; o vermelho simboliza a nossa terra mãe, a Inglaterra, da qual nos separámos; as listas brancas que interpõem, constituirão, para a posteridade, o símbolo da nossa liberdade.

A senhora Ross objectou que a bandeira devia ser mais comprida, em proporção, do que o comprimento apresentado no desenho:

— Uma bandeira é muito mais bonita se tiver o comprimento um terço maior do que a largura. Quanto às estrelas acho que ficariam muito melhor se, em vez de se distribuírem irregularmente, fossem colocadas em círculo. Além disso, as estrelas seriam muito mais bonitas se, em vez de seis, tivessem cinco pontas.

Todas as objecções da senhora foram aceitas e, nessa mesma tarde, a costureira pediu emprestada uma bandeira a bordo de um navio para ver como era cosida.

Poucos dias depois, voltou ao navio e pediu que icassem a bandeira que acabava de terminar, a fim de ver o efeito que fazia, tremulando ao vento. Tão satisfeitos ficaram os funcionários que acompanharam a senhora Ross nessa demonstração, que a bandeira foi, nesse mesmo dia, apresentada ao Congresso, que a aprovou, embora não oficialmente. Um ano se passaria até que a sua adopção fosse resolvida. O Governador encomendou então à senhora Ross muitas mais bandeiras, que ela executou durante cinquenta anos.

Anteriormente a essa bandeira, havia tantas quantas eram as organizações militares das colónias. Havia, por exemplo, a Bandeira do Pinheiro, de Massachusetts; a Bandeira da Cobra Cascavel, de Virginia; o pendão do Regimento de Cavalaria Ligeira de Filadélfia e muitos outros.

Em Janeiro de 1776, quando o general Washington tomou o comando do exército continental, hastiou uma bandeira em que se viam treze listas, alternadamente vermelhas e brancas e, sobre fundo azul, ao canto superior esquerdo, as cruzes de São Jorge e Santo André. Essa bandeira foi usada por Washington até à adopção da bandeira de Betsy Ross.

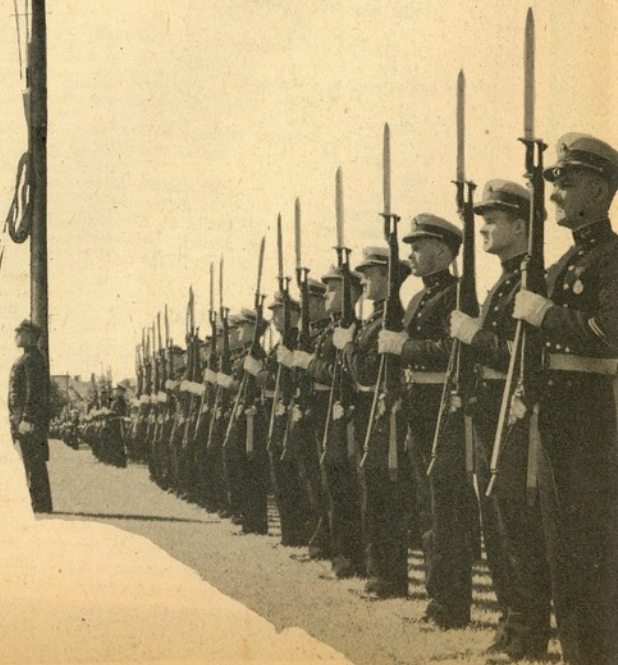
Em 1795, quando os Estados de Vermont e Kentucky foram admitidos na União, o Congresso adicionou-lhe mais duas estrelas mudando a sua disposição em círculo para três filas paralelas, formada, cada uma, por cinco estrelas. Com a admissão de novos Estados, iam-se juntando mais estrelas, até que o seu número, que era de treze, subiu a quarenta e oito.

\*\*\*

A bandeira das estrelas e listas tem-se associado a todos os grandes acontecimentos da história dos Estados Unidos, tanto na paz como na guerra. Foi ela que inspirou a criação do hino nacional, quando, durante a guerra de 1812, Francis Scott Key viu, «ao raiar da manhã», tremular orgulhosamente ao vento sobre o escaqueirado Forte McHenry, em Baltimore, «A Bandeira das Estrelas».

Os nomes dos heróis que a mantiveram bem alto, durante batalhas terrestres ou navais, estão gravados em letras de ouro.

As emocionantes histórias, que constituem a tradição do heróico exército americano, têm sido, durante o actual conflito, renovadas em feitos que perdurarão em todas as memórias...





# O NAMÔRO

## 1943...

O namôro no tempo dos nossos avoengos, era bem diferente! O próprio bico de gás, nas noites luarentas, lhe dava certa poesia quando a donzela, pálida e olheirenta, encostava a cabeça à vidraça, embaciada do orvalho, para ver passar o cavaleiro dos seus sonhos, misterioso e embaçado. Fazia-se tudo à boquinha da noite, depois do toque das trindades, com a cumplicidade dos velhos Paços — galegos de esquina — ou das Adosindas, as clássicas criadas de todo o romantismo.

Algumas das fugas pelos lençóis, noite morta, muito ficaram devendo àquelas personagens que, a tróco duns cobres, calcurrriavam Lisboa inteira, atrás duma calceite para meterem na mão débil e nervosa da donzela, um ramo de cravos ou umacarta, e em forma de coração, ardente de promessas. As cortinas, levemente entreabertas, eram uma clareira de esperança;



*Entretanto, de que há-de ser-se médo? O mundo é grande e nêle cabem os pares perdidos pelos bancos dos jardins...*

por detrás delas o apaixonado lia o mais lindo romance de amor. Era o vulto dela a mover-se, grácil e gentil; os olhos que se não viam, mas que estavam lá, a contemplá-lo; a boca que não falava mas que sorria, contente e feliz... E tudo isso bastava ao pobre mortal. Viera a persegui-la desde o Gimnasio, no «Frei Luiz de Sousa». Os seus olhares por duas vezes se cruzaram, mudos, mas entendedores. Fôra como se lhe escrevesse uma carta. À saída do teatro ele foi feliz porque havia lama no passelo e ela puxara o vestido de cetim — oh, então! — o tornozelo fino e delgado tentou o seu olhar profano. Ela, por debaixo do véu, aconchegada ao braço da criada, deu um sorriso luminoso, claro, expressivo. Subiram a Patriarcal, em silêncio. Depois, parou numa porta de batente verde. E sumiu-se, sem ao menos ter voltado a cabeça.

Ele passou uma noite em claro, com febre; levantou-se, fez versos; chamou-lhe Deusa e Sol, Rainha e Fada; e, com uma manta pelo pescoço, bateu, de melenas ao vento, tóda a Patriarcal, olhando o prédio. Por fim, divisa uma janela com luz. O seu coração pulsa com entusiasmo. Ela chega à janela. Há um clarar. A criada vem de chinelas de ouro — troca'm papéis. E daí a um mês, em S. Roque, cruzam as mãos, diante do altar.

Hoje o namôro é diferente. Vivemos outra época, mais dinâmica e vertiginosa. Ontem a donzela espriitava o cavaleiro que passava na estrada, coberto de pó — hoje olha os elétricos e espera das plataformas apinhadas, um adeus ou uma chapelada.

A rapariga moderna namora em todo o lado: nas esplanadas, chupando sorvete e falando do Power; nos jardins, entre os canteiros que bendizem a Primavera; à saída das aulas; nos salões de chá e no cinema. E o pior de tudo é que, à força do modernismo, o namôro é quase em série. Há gentis raparigas, dessas que logo aos doze anos conhecem o peccadinho do báton, depilam as sobrancelhas, põem tação alto e fazem hoquinhas e trejeitos de Marlene, que têm um namôro por cada estação: na Primavera, um louro como uma espiga; no Verão, um moreno e forte, do todo das praias; no Outono, um linfático e macilento, cheio de espinhas e picadas das injeções; no Inverno preferem o gordinho, roliço, de bochechas moles. O cinema é o amigo n.º 1 dos namorados. A preços acessíveis há plateias que, de tarde, são autênticas sessões da arte de bem namorar. É vê-los, aos pares, bem agarradinhos, segregando, contentes, alheios ao cenário. Por essas ruas mãos entrelaçadas, olhos vagos, caminhando como num sonho, os namorados vão encantados da vida. O seu mundo está ali. Dois corações que pulsam, lado a lado, e se compreendem nos anseios. Nesses bairros populares da Madragoa, Alfama, Fonte Santa, ainda há o velho namôro das esquinas. Eles vêm para a rua, mais a bilha, que o chafariz fica perto. E, mesmo ali, dão conversa de enfiada, ao António das suas esperanças. Tanta coisa há para dizer — que nem três horas de paleio põe tudo em dia... Na outra tarde, mal o Sol se esconde, retoma-se o fio à meada. De lá nunca há tempo — êle vai para a oficina — ela trata da lida da casa. Nos bairros aburguesados o namôro varia. A pequena vem para a janela — e êle debruça-se, se é rez-do-chão ou cave, numa ginástica obrigatória...

O pior é quando o andar é alto — e a rua de trânsito. As pessoas acotovelam-se, os automóveis businam, os elétricos talim-talim, e o desgraçado atrapalhado para lhe dizer que teve cator em quimica — quando, afinal, ficou reprovado... Mentem, mentem muito os namorados. É que nem uiz nem outr querem dar a conhecer as suas fraquezas, os seus desalentos.

O namôro, no chiquismo, oferece outro aspecto.

Põe-se em prática o telefone. Ela, no sofá, com o «Boby» sobre as pernas a lambuzar-se de pão-de-ló — êle, em pijama, deitado, dizema pelo bocal, as coisas mais variadas: que a Zita esticou um horroroso vestido, que a madrinha vai para as Pedras, que a fita do Condes é chabgues, que vai ao cabeleireiro às cinco — e muitas coisas mais... Acabou por adormecer com o auscultador no descanso...

O diabo é que o namôro nas casas de chá, além de dispendioso, é monótono. E, então, falam por debaixo da mesa: um joelho que toca, levemente, outro joelho, um pé que preme outro pé.

Os balles, os cinemas, a perseguição na rua, são as formas mais vulgares de se arranjar namôro. Antigamente, qualquer filho família, com fama de bom rapaz, visita da casa, estava logo destinado a ser o futuro noivo da menina prendada, que sabia fazer doces, bordar e tocar uma valsa, com sentimento, audácia, espírito de aventura. Nada de paleios — é avançar. O rapaz está a uma esquina. A rapariga sobe o Chiado, vagarosa, olhando as montras, com os eternos embrulhinhos. Êle, mesmo sem a conhecer, tira-lhe uma chapelada. Ela sorri — claro, se estiver para isso. Pronto. No Eduardo Martins já lhe deve saber o nome — e quando chegar ao Ramiro Leão vai de braço enfiado, tratando-a por tu...

No cinema, porém, é que funciona a feira das atrações... Há as louras, as morenas, as trigueiras — as altas e as baixas — as que são mulheres e parecem garotas — e as que são garotas e, parecem mulheres. Os rapazes vigiam a bilheteira. Compram lugares ao lado. E depois, pronto, a coisa vai... No documentário procura-se a posição estratégica. Na fita cômica já se acotovelam e trocam monossilabos sobre o calor e a piada de certo actor. Quando começa o filme de «fundo» há uma certa intimidade. No intervalo êle compra «esquimaux» e oferece. A propósito dos gelados vêm as doenças da garganta. E da laringe. Divagando, êle diz que anda em medicina. Ela pergunta se conhece o Edmundo. Se conhece! É um grande amigo! E o Edmundo é primo. Ela chama-se Alice — mas em casa é Betz. Mais conversa — e o cinema acaba. À saída metete-se no grupo — vai até à porta — para lá ficar num estâgio de três meses à espera de encontrar no cinema outra Alice que o ajude a passar o tempo...

M. M.



*O namôro, de forma clássica, era assim...*



*Mus as mesas de «café», nesta pedispatia sem fios, não deixam de fazer jeito...*





## JOÃO DE BARROS

O mais optimista dos poetas portugueses é também um magnífico espirito de brasilidade. Publicou agora mais um livro — «Presenças Eternas» — em que a constância do seu amor por tudo quanto é aproximação luso-brasileira, constitui o melhor da sua emoção e inteligência.

(Caricatura de Santana)



SANTANA



# FAZ AGORA QUINZE ANOS...

# Amundsen

## SACRIFICOU A SUA VIDA PARA SALVAR O SEU MAIOR INIMIGO

Por METZNER LEONE



**F**OI em Junho de 1928. Na Imprensa de todo o mundo há muito que se repetia a mesma ansiosa pergunta: «Onde estão os tripulantes do «Itália»?»

Na seqüência das famosas viagens à conquista dos polos, feitas ao decorrer do primeiro quartel do século vinte, Humberto Nobile chefiou uma memorável expedição ao polo norte, a bordo do dirigível «Itália». Depois de duas tentativas parcialmente frustradas, embora o «Itália» lograsse sobrevoar o polo, quando a aeronave regressava à sua base, voando nas proximidades do Cabo Norte — o mundo deixou de ter notícias do seu paradeiro e da situação dos seus tripulantes.

Desde os primeiros preparativos da expedição de Nobile que o seu «raid» foi assunto constante de interesse e de ansiedade: conhecida a sua colaboração na última grande aventura de Amundsen, quando este ligou a Europa à América, através do polo; e conhecidas, também, as rivalidades e o ódio que a camaradagem naquele empreendimento fêz nascer entre ambos — a viagem de Nobile foi aguardada com geral expectativa.

A rádio e a Imprensa noticiavam, de hora a hora, de minuto a minuto, o que se passava a bordo do «Itália» — e o mundo inteiro, com a respiração suspensa e a ansiedade no olhar, acompanhava os heróis que se tinham lançado ousadamente à conquista dos gelos polares, onde tantos outros heróis tinham já perdido a vida, para sempre tragados no enigma gelado daquelas amplitudes brancas e infundáveis que obstinadamente retardavam os progressos da ciência, defendendo-se da curiosidade dos homens.

Dum momento para o outro, porém, os postos receptores deixaram de ouvir o telegrafista do «Itália»... Passaram as horas, passaram os dias — e nem uma notícia do «Itália» cruzou o éter para saciar o ansioso interesse que a sorte dos seus tripulantes determinava em todo o mundo.

Aviões e navios, de todas as nacionalidades, navegaram para as regiões polares — mas tudo parecia em vão. Admitia-se já que a tripulação do dirigível

desaparecido morrerá, e que nada mais valeria a pena tentar para salvá-la.

No dia 8 de Junho, porém, o «Citta di Millano», navio-base do dirigível, consegue captar uma mensagem dos sobreviventes do «Itália». E o desânimo transforma-se em delírio: outra vez, navios e aviões partem em busca dos heróis há tanto tempo perdidos entre a imensidade branca dos gelos e sem comunicações com o mundo. A breve tempo, porém, se reconhece que os barcos não podem chegar até onde está o dirigível e que a empresa de salvar os sobreviventes é arriscadíssima. É então que volta a ouvir-se o nome do mais fantástico explorador dos tempos modernos, o nome do fidalgo inimigo de Humberto Nobile: Roald Amundsen.

A Imprensa salienta que só a ousadia e os conhecimentos deste explorador poderão salvar os homens do «Itália», capitaneados por Nobile. Os pedidos sucedem-se, cada vez mais instantes, mais ansiosos. Parece que o mundo enlouqueceu — e implora-se a Amundsen que vá salvar Nobile e os seus homens.

Nos olhos claros do vencedor dos dois polos havia uma fixidez obstinada, mas a sua expressão de indiferença pelas vozes que subiam até ele era já forçada: o seu coração e o seu carácter mandavam-no correr sem hesitações a arrancar à morte aquêle punhado de bravos que se debatiam nos gelos traiçoeiros do Cabo Norte. Mas, lá muito escondido dentro de si, Amundsen lembrava-se dum dos tripulantes do «Norge», chamado Humberto Nobile... E, então, recapitulou certamente a série lamentável de episódios ocorridos com esse homem durante o famoso «raid» transpolar. Primeiro, as impertinências que ele tomara por criancices; depois, a rebelião contra as suas determinações; a seguir, a rivalidade clara que Nobile se atrevera a desvendar; mais tarde, a calúnia, o descrédito — enfim, tudo quanto pode fazer-se a um homem para o apoucar e diminuir, tentara Nobile fazer-lhe a ele... E agora iam pedir-lhe que corresse a salvá-lo da morte, arriscando a sua própria vida!

Era-lhe fácil recusar: estava velho, abandonara

já definitivamente os empreendimentos polares, e não havia força alguma que pudesse coagi-lo a partir, arriscando a sua vida para salvar a do homem que o combatera e o infamara.

Mas Roald Amundsen era feito desse barro especial com o qual o Destino molda os heróis e os santos. Era forte e era bom. E apesar de se sentir fatigado pela idade e atingido pela doença, o velho explorador saltou ágilmente para a carlinga do «Latham», e descolou em direcção ao Norte, para arrancar à morte o seu maior inimigo e salvar o que pudesse salvar-se da sua malograda expedição.

Foi e não voltou. O seu grande feito de abnegação e de altruísmo foi só belo sem ter chegado a ser profícuo. Em vez de conseguir salvar Nobile, Amundsen morreu sem deixar vestígios na imensidade gelada do Ártico, que ele tantas vezes dominara. E que os gelos polares bem sabiam que era aquela a última oportunidade que tinham de dar ao herói o único túmulo digno dos seus sonhos de adolescente e das suas ousadias de homem.

Foi há quinze anos. Por estes dias quentes de Junho chorava-se a morte de Amundsen — para, logo a seguir, se exultar com o salvamento dos naufragos do «Itália».

E assim os homens têm caminhado, de emoção em emoção, de sentimento em sentimento, a chorar ou a rir... Igual, sempre igual ao que era há quinze anos, permanece apenas a brancura gelada do Polo, que cinge no seu abraço o corpo do mais nobre e do mais intrépido explorador do século vinte: Roald Amundsen, que nasceu norueguês e que, pelo carácter e pela ousadia, pertence hoje a todas as pátrias.

### A ESFERA MISTERIOSA

Por MAX FELTON

1.º volume da coleção  
policíal de Vida Mundial Editora

FOI POSTO À VENDA ESTA SEMANA



# Notícias da SEMANA



Revestiu-se de todo o cerimonial a cerimónia da entrega das credenciais do novo embaixador do Brasil, sr. dr. Neves da Fontoura, que vemos na foto, ao centro, quando saía do Palácio de Belém.



Também o novo ministro de Itália em Portugal, sr. dr. Renato Prunas, entregou as credenciais no Palácio de Belém. Na primeira foto, vêmo-lo com o seu séquito na Sala das Bicas. A seguir, vêmo-lo à saída do Palácio Presidencial.



No S. P. N., inaugurou-se uma valiosa exposição do pintor espanhol Ricardo Navarro Pons que vemos ao centro, ladeado pelo sr. Eugénio Montes, Dr. Tavares de Almeida e representante do embaixador de Espanha.



OBJECTOS DE ARTE  
EM COBRE, MADEIRA,  
FERRO FORJADO ETC  
QUADROS DE BONS  
PINTORES MODERNOS.  
EXPOSIÇÃO PERMANENTE

**STOP**  
Estúdio de Arte  
R. NOVA DA TRINDADE, 6-A TELEF. 28498



Horas	Estações	Comprimento de ondas	Horas	Estações	Comprimento de ondas
	WCRC	31.1 m. 9650 kc/s	18.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
7.45	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	19.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
	WRUW	49.6 m. 6040 kc/s		WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
9.45	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	20.30	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
12.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s		WDO	20.7 m. 14470 kc/s
	WDL	30.8 m. 9750 kc/s	22.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
13.45	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s		WGEA	25.3 m. 11847 kc/s
	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s	23.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
14.45	WKRX	30.3 m. 9897 kc/s		WDL	30.8 m. 9750 kc/s
	WGEA	25.3 m. 11847 kc/s	00.45	WDL	30.8 m. 9750 kc/s
17.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s	01.45	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s

EMISSIONES DIARIAS

**OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA**



# O SENHOR DIRECTOR

## *mão recebe*

NOVELA POR MANUEL MARTINHO

— Senhor Director, está lá fora aquêlê rapaz...

O director nem levantou os olhos da papelada. Fêz um gesto de aborrecimento e depois disse ao continuo:

— Qual rapaz? Bem sabes que às quartas não recebo! Que maçada! Não estou para ninguém!

— Perfeitamente, senhor director! Mas V. Ex.\* é que disse...

— Disse o quê?

— Que o recebia hoje!

— Hoje? Impossível! Olha, que venha amanhã! — Amanhã é dia de despacho! — atirou o homem-zinho, numa voz sumida.

— Nem me lembrava disso! Pronto, depois de amanhã!

— É a reunião dos accionistas, senhor director...

— Mau, no sábado, mas de manhã, ceo...

— Perdão, mas V. Ex.\*, no sábado, vai para fora, é o fim de semana...

O senhor director deu um murro na mesa e, colérico, arremessou com ímpeto:

— Mas que empregados tenho eu que não sabem enxotar essa gentalha que me perturba a tôda a hora? Era o que faltava!

O continuo dobrou a espinha e fechou, respeitadamente, a porta do gabinete.

O senhor director levantou-se da cadeira. Puxou da cigarreira de ouro e bateu uma «cigarette» egípcia. O fumo azul subiu em espirais. Deu três bocejos seguidos. Que aborrecimento, não tinha nada que fazer. Ao menos, se o engenheiro adjunto apparecesse... Mas o danado, desde que arranjar a bailarina, todo o tempo era pouco. Foi à janela. Chovia. O lagedo, lá em baixo, estava encharcado. Passava gente, apressada, em correrias. As gotearas do prédio defronte, num pingue-pingue nervoso, provocavam uma cantilena doentia que lhe fazia mal.

Um rapaz atravessou a rua. Saira, decerto, da fábrica — e, débil, vergado, sem fazer caso da chuva, foi pôr-se no portal defronte, a olhar, a olhar para cima.

O senhor director sentiu uma impressão forte, qualquer coisa que lhe bateu lá dentro.

Devia ser o tal rapaz que lhe queria falar.

Ele podia tê-lo recebido. Mas para quê?

A admissão de pessoal não dependia só d'êlê. Todavia, se quisesse... Ora, havia emprêsas mais fortes! Que diabo se podia fazer com quatro mil contos de lucros?

Só os engenheiros belgas levavam metade! Depois, volta e meia, um desfalque. Quem pagava tudo isso?

O rapaz continuava com os olhos pesgados nas vidraças do seu gabinete. Reparou bem nêlê. Era alto, magro, muito chupado e tinha o gorgomilo espetado, num pescoço cheio de veias; trazia um fato duvidosamente preto e já coçado que, nos ombros e nos cotovelos, parecia da côr de bronze; os pés, mal calçados, deviam ser mais curtos que as botarras, grossas, mas com remendos nos joanetes; na cabeça pequena, havia um chapéu, já sem fita, todo negro e ensopado da chuva; tinha as mãos nos bolsos que lhe deixava bem a descoberto o peito estreito de enfêrmo.

E o senhor director, num momento, lembrou-se, também, da sua vida passada. Já andara assim; conhecera, nas noites de inverno, quanto custa calcurear a cidade com as solas rotas — e o frio a enregelar

os ossos; muitas vezes, dormira nos portais; comera sobras das casas burguesas; apanhara na escuridão os pontapés do infortúnio; sem eira nem beira, fôra no mar revolto da miséria.

Depois... ah! depois! Fôra numa tarde assim chuvosa. Há quantos anos? Vinte? Mais. Pelo menos trinta anos! Já as luzes se tinham acendido. Era pelo Natal, um Dezembro com neve. Numa rua estreita, sem viva alma, encontrara um velhote caído, de bôrco, com uma ferida na testa. Conforme pôde, levantou-o e, com a ajuda do polícia que já cocara o caso, meteu-o num automóvel. No hospital, soube-se quem era. Um súbdito belga, gerente da Empresa Mineira Peninsular, que sofria de ataques epilépticos. O médico disse, no banco, «que graças aquêlê rapaz, S. Ex.\* se podia considerar livre duma complicação de más consequências».

Foi admitido na Empresa. O gerente belga, sempre grato, protegia-o. Ele, por si, também tinha feito para trepar. Ao fim de um mês, já conseguira, com intrigas, pôr o contra-mestre na rua. Passado tempo, denunciou o encarregado geral, um desgraçado cheio de filhos, que aproveitava a limalha para vender no ferro-velho.

Sempre trepando — entrou nos escritórios. Aí, o guarda-livros veio para a rua, porque, segundo se disse, diante dos empregados, fazia escândalo com a steno-dactilógrafa. Porém, muito antes, a mulher dos encerados, uma moça limpa, de olhos pestanudos, recolhera à cama, para esconder a gravidez que êle, o adjunto, lhe gerara. Um dia, o velhote belga, plâcidamente sentado na cadeira — era aquela mesma onde êle anichava a sua incompetência — deixou cair

da mão o grosso charuto e, sem dizer um ai, ficou-se que nem um passarinho. Não tinha ninguém. Na Bélgica — diziam alguns engenheiros seus compatriotas — havia uma sobrinha que era florista, filha dum irmã, que recebia esmola da Assistência; mas isso ficava tão longe — e era tão incerto, que a fortuna ficara tôda para o senhor adjunto, lugar a que ascendera pelos zelos da intriga.

E agora?... Agora, gerente! Gerente daquela grande Empresa que era o seu orgulho.

O que fizera na vida? Afinal, conseguira tudo, sem ter feito nada. Fôra um triunfo? Insucesso decerto que não.

O seu caso, afinal, resumia-se em ter erguido um homem do chão — e, depois, fazer tropeçar os outros, para não mais se levantarem.

Amor, família, lar — o que era?

Tinha dinheiro, trazia acoentados milhares e milhares de empregados. Era quasi o dono de todos. Se êles comiam — a êle o deviam. Se tinham família, alegria, conforto — era preciso que a Empresa fôsse próspera e êle, o senhor director, a soubesse dirigir.

Nunca tivera tempo para pensar na mulher — nem nunca sentira amor, amor verdadeiro, senão quando via os balancetes do fim do ano, com os lucros em letras grossas.

Puxou doutro cigarro. O rapaz lá continuava, no portal, de olhos fitos na janela. Esfregou as mãos; devia estar frio. Repentinamente, sem saber como, teve pena daquele moço. Achou-o até parecido com êle, quando era novo — e um ar de decência na camisa branca que trazia, debaixo do casaquito encharcado. Tocou a campainha.

— V. Ex.\* chamou, senhor director?

— Ouve lá, aquêlê rapaz que esteve aí trazia uma carta de recomendação?

— Sim, senhor director!

— E que disse, quando se foi embora?

— Que havia de falar hoje, com V. Ex.\*, porque senão nunca mais falaria!

Estranho!

— E a carta? Levou-a... De quem era?

Não o disse?

— Por acaso, deixou-a ficar, decerto por esquecimento... Tenho-a ali guardada!

— Vai buscá-la, anda, depressa!

O senhor director sentou-se e, de perna traçada, leu:

*Senhor Director*

*Desculpe a maçada que lhe dou. Tenho um filho, um bellissimo rapaz, que andou a estudar até o ano passado, data em que adoeci, gravemente. Enquanto pude, trabalhei; eu queria que êle fôsse gente. Hoje, porém, não posso. Sinto-me dia a dia a desfalecer de tanto ter lutado com a vida. Ele sabe um pouco de tudo. Francês, inglês, escreve à máquina e desenha bem. V. Ex.\* decerto, se se interessar, pode arranjar-lhe qualquer cousa. Tem andado, coitado, por todos os lados, todos lhe recusam trabalho. Vêem-no assim, mal arranjado, sem apresentação. Se tomei esta atitude é porque sei que êle é capaz, desorientado como anda, de fazer qualquer loucura. Agradeço-lhe este único favor.*

Mariana, a mulher dos encerados.

P. S. — Já sabe quem é o rapaz?

O senhor director deu um pulo na cadeira. Nervoso, chegou à janela. Mas o rapaz já lá não estava. gritou pelo continuo que corresse a ver daquele moço que saíra dali, que devia ir perto.

Mas o continuo voltou — e o rapaz desaparecera.

E nunca mais apareceu.





# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XIX - a França depois da derrota

8

### A HORA DE DARLAN

**A** hora do almirante Darlan tinha soado. A partir de Fevereiro de 1941 o almirante acumulou, com as pastas cuja direcção já lhe estava confiada a vice-presidência do conselho, sendo, ao mesmo tempo, designado para recolher a sucessão eventual do marechal Pétain. Além disso passou a ser o ministro do Interior e dos Negócios Estrangeiros. Assim se liquidava ingloriamente a passagem do sr. Pierre Etienne Flandin pela direcção da política externa da França num momento particularmente difícil e exigente da história do seu país. Os dirigentes do Reich não haviam considerado o sr. Flandin como uma personalidade suficientemente idónea para praticar a política de colaboração tal como esta havia sido prevista e encaminhada em Montoire e era essa a razão principal da sua demissão, esperada praticamente desde que fora nomeado para o desempenho daquelas elevadas funções.

A data de 14 de Fevereiro pode ser indicada como sendo aquela que marca a recomeço da colaboração, depois de os dirigentes alemães terem concordado na indicação do nome do almirante para o desempenho das mais altas funções políticas.

A reacção violenta, que se esperava depois da visita do embaixador Abetz ao marechal Pétain não se produziu. Isso ficara-se devendo, em parte, à acção pessoal de Darlan que soubera manobrar com incontestável habilidade inutilizando, por largo tempo, as possibilidades dum retorno do seu adversário mais categorizado que era precisamente o sr. Laval. Mas em parte, também, era a consequência da evolução de guerra durante o fim do ano de 1940 e o começo do ano de 1941. O malôgo da ofensiva aérea contra a Gran-Bretanha e o agravamento crescente das relações germano-russas, agravamento então desconhecido da grande parte do público, obrigavam os dirigentes do Reich a assumirem uma atitude cautelosa condicionada pelas suas próprias necessidades. A campanha dos Balcãs ia iniciar-se e em Berlim não tinham dúvidas de que ela constituiria o prólogo indispensável da campanha da Rússia. O futuro apresentava-se carregado de dúvidas e era natural que em Berlim não desajassem agravar as dificuldades inevitáveis com uma nova complicação cujas consequências eram difíceis de prever.

### O ALMIRANTE NEGOCEIA

Logo que assumiu a responsabilidade da direcção dos negócios públicos, o almirante Darlan dirigiu-se a Paris e realizou, com as autoridades de ocupação, uma nova série de negociações que deviam conduzir, num prazo de tempo relativamente curto, a alguns resultados apreciáveis. Um comunicado oficial, com data de 3 daquele mês, referia-se ao estado das negociações em curso para a exploração das matérias-primas existentes nos dois países. As negociações eram conduzidas, do lado alemão, pelo chefe do Departamento económico do comando militar da França ocupada, dr. Michel, e do lado francês pelo sr. Bernard, chefe do gabinete do ministério da Produção que depois foi nomeado delegado geral do governo francês para as relações económicas franco-alemãs.

Algum tempo depois, a 8 de Maio, um novo comunicado oficial dava conta dos resultados a que os peritos franceses e alemães haviam chegado nos seguintes termos: «Em consequência das conversações realizadas em Paris entre o almirante Darlan e as autoridades alemãs de ocupação estabeleceram-se o seguinte acordo: 1.º — a linha de demarcação fica de uma forma geral, aberta à passagem de quaisquer mercadorias e valores; pelo que as pessoas diz respeito estas serão autorizadas a circular entre as duas zonas no caso de doença grave ou de morte de pessoa de família; além disso fica autorizado o trânsito de correspondência entre as duas zonas, desde que essa correspondência seja constituída por bilhetes postais não ilustrados. Aos militares dos exércitos de terra e ar serão dadas autorizações para transitar nas condições já estabelecidas para os marinheiros; 2.º — iniciaram-se conversações para a redução das despesas de ocupação; está encarada uma primeira redução dessas despesas de quatrocentos para trezentos milhões de francos».

Tratava-se, evidentemente, dum período qu aguardava novos e mais amplos desentendimentos.

### A ENTREVISTA DARLAN-HITLER

Em 12 de Maio realizou-se a entrevista entre o Führer e o almirante Darlan na presença do ministro dos Negócios Estrangeiros do Reich, sr. Ribbentrop. «Todos os problemas, anunciava o comunicado oficial do encontro, que interessam ao actual sistema de relações entre os dois países foram tratados dentro do espírito da política de colaboração». Dois dias depois reunia-se em Vichy um conselho de ministros que aprovou por unanimidade a exposição que lhe foi feita pelo almirante Darlan. O secretário geral da presidência do conselho sr. Benoist Méchin, que depois devia desempenhar um papel de grande relevo no desenvolvimento das relações franco-alemãs, acompanhou o almirante na sua viagem e seguiu depois desta para Paris onde prosseguiu as negociações iniciadas durante o encontro com o Führer. O único resultado positivo do encontro que imedia-

tamente se tornou conhecido foi o que se referia à sorte dos militares que haviam tomado parte na guerra de 1914-1918 e que se encontravam na situação de prisioneiros de guerra. A esses prisioneiros foi prometida a libertação imediata, interessando esta medida cerca de cem mil pessoas.

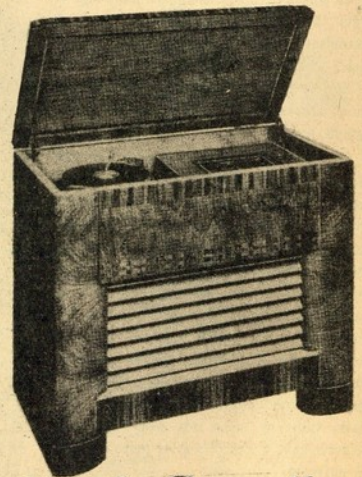
Em 15 de Maio o marechal Pétain pronunciava um discurso sobre o encontro Hitler-Darlan a respeito do qual fornecia as seguintes indicações: «Franceses. Como sabeis, o almirante Darlan avisou-se recentemente na Alemanha com o chanceler Hitler. Eu tinha aprovado, em princípio, este encontro, o qual nos permite iluminar a rota do futuro e continuar as conversações iniciadas com o governo alemão. Já não se trata hoje, para uma opinião inquieta porque geralmente está mal informada, de correr as nossas probabilidades, de medir os nossos riscos e de julgar os nossos gestos. Trata-se, para vós franceses, de me seguir sem pensamentos reser-

## RADIO-GRAMOFONES "His Master's Voice"



Únicos no mundo.  
O instrumento  
dos amadores exigentes

O melhor receptor de rádio conjugado com o melhor automático de discos.



Oiça-os nos

Est. Valentim de Carvalho  
RUA NOVA DO ALMADA, 97

Cálculos rápidos  
só com  
**FACIT**



Só com 10 teclas.  
Controle de inscrição.  
Transporte total das decimas nos 2 registos.  
Cômuda para pôr a zero.  
Mecanismo completamente fechado.

**Facit**

SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.<sup>da</sup>  
Rua do Prata, 145 LISBOA R. Sá de Bandeira, 870 PORTO



vados no caminho da honra e do interesse nacional. Se, na estreita disciplina do nosso espírito público, sombermos conduzir a bom termo as negociações actualmente em curso, a França poderá dominar a sua derrota e conservar no mundo o seu lugar de grande potência europeia e colonial. Eis, meus queridos amigos, o que hoje tenho a dizer-vos.

Esta linguagem cautelosa significava claramente que as negociações prosseguiram entre Vichy e as autoridades de ocupação.

### O RELATO DE DARLAN

Em 23 de Maio o almirante Darlan tomava a iniciativa de informar pessoalmente os seus compatriotas sobre a marcha e as perspectivas que ofereciam as negociações anunciadas pelo marechal. Eis em resumo as suas palavras:

«Franceses. Ouvistes já o nosso chefe, o marechal Pétain, dizer-vos que é com a sua aprovação que correspondi ao convite do Führer e que as conversações entre o chefe político do Reich e eu próprio têm a sua aprovação e a aprovação do governo. Tendo-me o marechal dado a honra de me indicar para o auxiliar no desempenho da sua árdua tarefa, trago-vos agora os esclarecimentos que esperais com impaciência.

O Chanceler do Reich não me pediu para lhe entregar a nossa esquadra. Toda a gente sabe — e os ingleses melhor que ninguém — que eu a não entregaria a ninguém. O Chanceler não me pediu nenhuma parcela

para ela. Foi em seguida a uma derrota indescrevível, de que todos nós guardamos a recordação horrível, foi em seguida à defeecção dos nossos aliados de então, foi em seguida à carência dum governo que queria continuar a bater-se sem ter os meios necessários para isso e que no fundo queria apenas fugir, que o marechal foi chamado a tomar nas suas mãos os destinos da pátria, e pediu um armistício na honra.

Em Junho de 1940 o vencedor podia recusar o armistício, esmagar-nos e riscar a França do mapa do mundo. Não o fez. Em Maio de 1941 o vencedor aceita negociar com o governo francês. Depois da entrevista de Montoire, no decurso da qual o principio da colaboração ficou assente, a França acentuou a sua vontade de continuar a realizar essa política. Foi essa atitude que levou o Chanceler a atenuar as consequências da nossa derrota e as condições do armistício na sua aplicação.

Escutai bem as minhas palavras. Do resultado das negociações em curso depende o futuro da França. Trata-se, para ela, de escolher entre a vida e a morte. O marechal e o governo escolheram a vida. O nosso dever está traçado. Deveis seguir o marechal e ajudá-lo, com toda a vossa energia, como eu próprio o tenho feito, para a realização da sua obra de renovação nacional. Como ele e como eu, nos vossos pensamentos e nos vossos actos, deveis apenas preocupar-vos com a sorte da França. A realização da entrevista Hitler-Darlan, de Maio de 1941, deu origem a diversas versões que insistiam no compromisso assumido pelo novo vice-presidente do conselho francês de dar aos alemães determinadas facilidades na situação económica, na situação criada aos prisioneiros de guerra, na modificação da linha de demarcação entre as duas zonas, na questão do pagamento da indemnização de guerra. O caso Laval aparece assim definido por Pierre Tisserand no seu livro sobre a actividade do governo de Vichy:

«Pierre Laval não era especialmente o homem da aliança alemã. Formado na escola de Briand, para se impôr como candidato à direcção da política externa da França era necessário que ele simbolizasse uma política. Essa política era a da amizade com a irmã latina. A sua atitude em face do problema das sanções teve apenas o mérito de afastar de nós a Gran-Bretanha, sem evitar que as duas potências totalitárias fizessem uma

Como Laval entre Outubro e Dezembro de 1940, Darlan entre Fevereiro de 1941 e Abril de 1942 não pôde realizar a política de colaboração com o vencedor extraíndo dela os necessários resultados práticos na melhoria da situação económica, na situação criada aos prisioneiros de guerra, na modificação da linha de demarcação entre as duas zonas, na questão do pagamento da indemnização de guerra. O caso Laval aparece assim definido por Pierre Tisserand no seu livro sobre a actividade do governo de Vichy:

«Pierre Laval não era especialmente o homem da aliança alemã. Formado na escola de Briand, para se impôr como candidato à direcção da política externa da França era necessário que ele simbolizasse uma política. Essa política era a da amizade com a irmã latina. A sua atitude em face do problema das sanções teve apenas o mérito de afastar de nós a Gran-Bretanha, sem evitar que as duas potências totalitárias fizessem uma

o seguinte para caracterizar a transição entre o político e o almirante sem passado partidário, que assumiu a responsabilidade de realizar a política de colaboração com o Reich vencedor:

«Ao escolher Darlan, o marechal desejava sobretudo não alarmar a opinião pública francesa. Darlan aparecia como o ministro que sem passado político, tinha reconstruído a marinha francesa recusando-se, depois, a fazer a sua entrega ao inimigo. Os franceses viam nele o homem mais indicado para fazer respeitar a sua bandeira. Negociando com ele os alemães sabiam que era na sua mão que se encontrava o mais poderoso meio de defesa de que a França ainda dispunha.

Mas se Darlan não era germanófilo por temperamento era colaboracionista. Nunca perdôara à Grã-Bretanha que a esquadra francesa, a sua esquadra, fôsse colocada sob o controlo do Almirantado britânico desde o início das hostilidades. Em caso de vitória do Eixo, a esquadra francesa, sendo por definição a mais poderosa esquadra continental, seria chamada a desempenhar um papel de primeiro plano na cena internacional. Para que, no plano da política interna, ele conservasse uma posição correspondente às suas funções de comandante da esquadra, era necessário que se mantivesse o regime de que se tornara o herdeiro presuntivo. Essa foi a razão fundamental por que a França, sob o consulado de Darlan, se manteve fiel à política de colaboração. Essa colaboração degenerou, a mé-

Murphy. O chefe do gabinete diplomático do general Weygand, Conde de Saint Hardouin, desempenhou no decurso dessas negociações um papel de primeiro plano. Dessas conversações resultou a assinatura dos acordos Weygand-Murphy sobre o fornecimento, para o Norte de África, de determinadas matérias-primas e produtos alimentícios que permitiriam que, durante a presença ali do general Weygand, a vida daquela parcela do Império colonial francês pu-



desse fazer-se com relativa facilidade. Tudo indica, porém, que além das negociações económicas com os resultados imediatamente conhecidos, as conversações franco-americanas incidiram também sobre assuntos de carácter político. Este aspecto das conversações veio posteriormente a ter as suas consequências quando do desembarque dos americanos naquela região em 8 de Novembro de 1942. Uma parte das autoridades militares e civis estavam decididas, nessa altura, a auxiliar o desembarque e contribuíram para que este pudesse realizar-se com êxito numa altura em que a sorte da guerra estava a ser jogada em todo o mundo. Ainda nessa altura o diplomata Murphy ocupou o primeiro plano da cena internacional verificando-se praticamente que a sua acção resultara plenamente.

(Continua)



do nosso Império colonial. Não me pediu também para declarar a guerra aos ingleses. Para que o faria? A Alemanha, que começou a guerra sózinha, julga-se em condições de a concluir sózinha contra qualquer coligação. Em nenhum momento da conversa que tivemos me tratou de abandonarmos uma parcela sequer da nossa soberania. A França escolheu livremente o caminho por onde deseja seguir. Dêla depende o seu presente e o seu futuro. Terá a paz que souber, ela própria, construir. Terá, na futura organização europeia, o lugar que souber preparar para si. Recordai-vos — alguns parecem já tê-lo esquecido — que a França suportou a mais grave derrota militar da sua história, que três quintas partes do seu território metropolitano estão ocupadas, que temos um milhão e meio de prisioneiros. Esta derrota foi a consequência dos nossos erros passados. De 1919 a 1939 os nossos governantes e as nossas assembleias legislativas acumularam erros e deixaram-se arrastar para a defesa de interesses que não eram os nossos com prejuízo dos nossos próprios interesses. No interior deixaram sabotar o moral da nação e legalizaram a preguiça e a desordem. No exterior conduziram uma política incoerente fazendo de nós os protectores das pequenas potências sem termos as armas necessárias.

### ENTRE A VIDA E A MORTE

O almirante continuou nestes termos: «Decididos a socorrer toda a gente, o que nos impunha a obrigação de possuírmos um poderoso exército ofensivo, os nossos governantes e as nossas assembleias dotaram o país apenas com um exército defensivo. Não tendo sabido preparar a guerra, nem sob o ponto de vista ofensivo nem sob o ponto de vista defensivo, os nossos governantes não hesitaram em a declarar. Perdêmo-la por culpa daqueles mesmos que nos arrastaram

aliança. Mais tarde foi levado, pela força das circunstâncias, a entrar na via da política de colaboração com a Alemanha.

O mais curioso é que o político mais hábil da França, o homem que sendo embaixador dum comunista conseguiu impôr-se aos partidos da direita o homem que tinha o sentido mais agudo das nuances, quis agir muito depressa. Então o marechal Pétain mudou bruscamente de atitude.

### O PERFIL DE DARLAN

É ainda o mesmo Pierre Tisserand que, aludindo ao período Darlan, diz



dida que a guerra se prolongava, em atentismo. Quando, em Abril de 1942, o sr. Laval regressou ao poder a guerra evolucionara tão profundamente que a colaboração já não podia ser entendida nos termos em que inicialmente fôra encarada em Montoire. A oportunidade passara e com ela a única probabilidade de construir a paz continental na base da colaboração franco-alemã.

Durante o período em que se conservou no poder o almirante Darlan, a atitude da França vencida aparece condicionada pelos seguintes elementos: a evolução da guerra que se precipitou com a entrada na luta da Rússia (22 de Junho de 1941) e dos Estados Unidos (7 de Dezembro de 1941); acontecimentos de ordem interna provocados pelo agravamento de dificuldades de toda a ordem, especialmente de ordem económica, sentidas pela população e que insensivelmente a levaram a descreer dos benefícios da política de colaboração; acontecimentos ocorridos no Império colonial francês, e de maneira especial no Norte de África, onde o general Weygand agia com uma inteira liberdade de movimentos; episódios relacionados com a dissidência do general De Gaulle que estabeleceu a sua sede em Londres em perfeitto acôrdo com o governo britânico.

O consulado do general Weygand no Norte de África saiu-se por um entendimento officioso com os americanos que eram representados em Argel por um funcionário da carreira diplomática a quem foi dada a categoria de embaixador, o sr. Robert



O Livro do Momento  
**A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA**  
por RAFAEL MARÇAL  
À venda em todas as livrarias  
Uma magnífica edição de  
«VIDA MUNDIAL»

**PASTA MEDICINAL**  
*Couto*  
Evita a doença da boca

**APRENDA RADIO**  
Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil  
Peça folhetos grátis á  
**ACADEMIA NACIONAL DE RADIO**  
AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 PORTO





os seus filhos

mais tarde,  
recordarão  
a mocidade  
por intermédio  
das  
fotografias  
feitas com

**"ferrania,"**  
a película que nunca falha

**J.C. ALVAREZ, L. DA**  
TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA  
205 RUA AUGUSTA-207 LISBOA

Arquivo 2043

O Livro do Momento  
**A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA**  
(Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra)  
Por **RAFAEL MARÇAL**  
À venda em todas as livrarias  
Uma magnífica edição de «VIDA MUNDIAL»

## A Simplicidade e o Orgulho

por CLOTILDE RANDI

A simplicidade é oposta ao orgulho sob todas as suas formas: presunção, vaidade, complacência consigo mesmo, etc.

É uma qualidade discreta, e, entretanto, poderosa, que dá origem à modestia, e cujo primeiro efeito é deixar à espontaneidade moral toda a sua frescura.

A simplicidade aplica-se a todas as nossas qualidades: enobrecer-nos as acções, dá-lhes um cunho distinto, cheio de grandeza, e mesmo aqueles que a perderam no moral admiram a força que lhe é inerente e lançam mão de todos os seus efeitos, aplicando-os a seus processos intelectuais.

Na escrita, a simplicidade manifesta-se pela legibilidade, o natural do traçado pela exclusão de qualquer extravagância.

Toda a forma complicada rebuscada, bizarra, pretenciosa, é, portanto, contrária à simplicidade considerada como qualidade intelectual. Mas o grafólogo guia-se pela tendência geral do carácter para dar o verdadeiro valor a cada um dos indícios que descobre no grafismo.

O orgulho manifesta-se na escrita de muitos modos diferentes.

As maiúsculas erguidas sobre a base e o M cuja primeira perna é muito mais elevada que a segunda são os sinais do orgulho de comparação: a ampliação desta base que quer dizer presunção, vaidade comum.

A escrita muito ascendente é um sinal de vaidade, principalmente no mediocre.

As Barras dos T colocadas acima desta letra, e o P cujo círculo se alça acima da perna como um pencho, são sinais de orgulho.

A bizarría da escrita, a dilatação do bojo das letras e aumento anormal das maiúsculas, são ainda bons indícios de orgulho. Encontram-se estes últimos sinais sobretudo nos mediocres de orgulho ridículo e aplicado a coisas vulgares.

### CONSULTÓRIO

**IRESVESAL** — 40 — Temperamento nervoso de humor muito variável. Idéias fixas, persistentes maçoadoras ajudadas por uma vontade forte. Convívio que cansa.

**FRANCISCO VALADAS** — Angra — 41 — Pessimismo documentado para análise. Escrita desenhada, rebuscada.

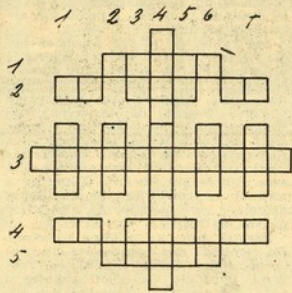
Somente por este desenho se pode ver um carácter artificial, preocupação constante de produzir bom efeito.

**SIA** — Lisboa — 42 — Carácter extraordinariamente bondoso. Dedicada a uma abnegação total de si própria. Inteligência e cultura geral.

**GATA** — 42 — Pessoa vulgar, sem personalidade. Indolente, inteligência e cultura mediocres.

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 70



**HORIZONTAIS:** 1 — Peça teatral. 2 — Compaixão; Extremidade; Crença. 3 — Util. 4 — Despido; Luar; Mofo. 5 — Infusa.  
**VERTICAIS:** 1 — Adéjo. 2 — Passaro. 3 — Batráquio; Recitel. 4 — Morada. 5 — Desagradável; Interj. (designação de admiração). 6 — Sobrano. 7 — Também.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 89

**HORIZONTAIS:** 1 — Valeta; Taluda. 2 — Iago; Rima. 3 — Rá; Má. 4 — Cãos; A mal. 5 — Alguem; Acudir. 6 — Contrariedade. 7 — Orares; Anelar. 8 — Alôa; Amor. 9 — Fé; Ir. 10 — Péla; Eoda. 11 — Gelado; Florir.  
**VERTICAIS:** 1 — Aço. 2 — Al; Clora; Pé. 3 — Lar; Magnate; Fel. 4 — Egas; Outro; Tela. 5 — Tã; Serça; Ad. 6 — Mas. 7 — Aia. 8 — Ar; Acena; El. 9 — Lima; Mudem; Nico. 10 — Uma; Badalar; Rór. 11 — Dã; Lidar; Ai. 12 — Rér.

ESCUTAI



ROMA

NOVO HORÁRIO  
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA  
TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7.40	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060
		2 RO 4	25.40	11810
12.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.84	17820
13.30	Noticiário	2 RO 8	16.84	17820
		2 RO 21	19.92	15060
17.00	Noticiário	2 RO 17	15.31	19590
21.00	Noticiário	2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 3	31.15	9030
21.40	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 4	25.40	11810
21.40	Noticiário	2 RO 19	30.74	9760
		2 RO 11	41.55	7220
21.40	Noticiário	2 RO 26	48.23	6220
			221.10	ondas
23.30	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 19	29.04	10330
23.30	Noticiário	2 RO 18	30.74	9760
			263.20	médicas

### CONVERSÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

21.10	Aos domingos	39.80
21.20	As quartas-feiras	31.41

**E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE**

**VIDA MUNDIAL** Ilustrada

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES	ESTRANGEIRO (com convenção)
3 meses (13 números)..... 13\$00	6 meses (26 números)..... 40\$00
6 " (26 " )..... 26\$00	12 " (52 " )..... 80\$00
12 " (52 " )..... 52\$00	
ÁFRICA PORTUGUESA	ESTRANGEIRO (sem convenção)
12 meses (52 números)..... 68\$00	6 meses (26 números)..... 47\$00
	12 " (52 " )..... 94\$00

«VIDA MUNDIAL ILUSTRADA», é composta e impressa nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.ª — Travessa da Comendação do Rio, 27 — Lisboa. — Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.ª — Telefone 2 6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



# CALCADA DA GLÓRIA

○ QUE TODO O BOM PORTUGUÊS NÃO DEVE IGNORAR ACÉRCA DE PORTUGAL

**S**e o *Porque me ufano do meu país*, do Conde Afonso Celso, deu o *Porque me orgulho de ser português*, O que todo o português deve saber de Portugal, volume recente de Albino Forjaz de Sampaio, inspirou-me a página de hoje. Pareceu-me que não era desinteressante dizer ao português certas coisas que ele porventura ignora e que talvez tenha interesse em saber. As informações e dados que vou dar-lhes foram colhidos nas mais puras fontes. Não constituirão um estudo completo, mas podem considerar-se uma sincera tentativa. O inferno a registre no seu diário. Pois não costuma dizer-se que de boas intenções está o inferno cheio?

Pois, leitor amigo, talvez não saibas:

— Que Portugal é um país adorável. Só é pena que muitos portugueses façam tudo quanto é possível para estragar.

— Que a capital do país é o Chiodo.

— Que a população portuguesa soma 3.437.401 varões e 3.728.674 varonesas. Há, pois, uma diferença de 291.273 para mais em relação às mulheres, circunstância que os ingénuos aproveitam para ter mais do que uma...

— Que os correios se criaram no tempo de D. Manuel, em 1520, havendo ainda dêsse tempo correspondência por distribuir.

E N I G M A



Há dez anos que procuro  
Decifrar a indecifrável  
E vejo tudo mais escuro.  
Tudo mais impenetrável.  
Quanto mais busco o mistério  
Mais êle foge de mim.  
O meu espirito anda estéril  
Sem ter principio nem fim.  
Carolina Homem Cristo!  
Abrenúncio! Coisa estranha!  
Mas já pensaram bem nisto  
Nesta «blague» tamanha  
(Como êstes nada consumem  
E affligem, justos ceus!)  
Duma mulher que é um homem  
E sendo um homem — é Deus?

— Que no reinado de D. Maria II era corrente a moeda denominada o *maluco*. Apesar da provisão de D. Pedro V, os *malucos*, continuam sendo moeda corrente.

— Que o primeiro elefante que veio para Portugal, em 1506, como presente a El-Rei, se deve a elefantaria de D. Francisco de Almeida.

— Que a hospitalidade portuguesa é proverbial. Há hotéis em que tudo é extraordinário, excepto o hotel — que é ordinário.

— Que o castanheiro, o sobreiro, a azinheira, a oliveira, o eucalipto e o choupo são, entre nós, árvores muito afamadas. Também é muito afamado o Limoeiro.

— Que em Portugal existe a maior vinha do mundo, embora haja quem a firme, apesar de tudo, que a parra é muito mais abundante do que a uva.

— Que quem quiser saber de vinhos o melhor que tem a fazer é prová-los, coisa mais agradável do que ler os tratadistas.

— Que os portugueses gostam muito de música, sendo alguns exímios em instrumentos de sôpro.

— Que as côres que distinguem os estudos universitários são para os estudantes de Direito, vermelho; para os de Medicina, amarelo; para os de Letras, azul escuro; para os de Farmácia, roxo; para os de Ciências azul claro; para os cábulas — em branco...

— Que a primeira manifestação da Censura em Portugal foi, em 1564, o *Index Librorum Prohibitorum*.

— Que o primeiro estudo de semântica em língua portuguesa escreveu-o o dr. Agostinho de Campos, no século XV.

— Que todo o bom português deve amar os «seus» livros e não os que pede emprestados e que não restitue.

— Que, se o nosso mais antigo livro da arte culinária se chamou *Arte de cozinhar*, o mais moderno se chama *Artes de não cozinhar*.

— Que a nossa terra tem de tudo, e para se adquirir o que é preciso basta dispor de alguns milhões de escudos.



# DOIS DESPORTISTAS PESCARAM UM TUBARÃO AO LARGO DO CABO ESPICHEL

UMA REPORTAGEM DE LANÇA MOREIRA



No momento de içar o tubarão para bordo

**O** domingo nascera bonançoso, batido por brisa leve. A bordo do «Robalo» ultimavam-se os preparativos para a largada. Os quatro homens da tripulação andavam numa azáfama de um lado para o outro. É que, nestas ocasiões, falta sempre qualquer coisa à última hora...

A manhã foi, pois, para prover o barco de todos os apetrechos indispensáveis — não esquecendo um lauto provisionamento de géneros, a começar por um apetitoso almoço, para as primeiras impressões...

Uma hora da tarde. O sol a pino, convida a refúgio numa sombra, num lugar fresco... Bonés de pala larga, vestuário adequado, canas a tiracolo, chegam os tripulantes do barco. Veem ajouçados com tanta «ferramenta» e mil coisas mais, que são precisas nestas andanças. Súam. É natural. Mas que importa isso, se dentro de momentos, vão mar fora, respirar ar puro, a plenos haustos? Esquecidos da vida febricitante da cidade, entregues sómente à sua faina, à sua predilecção, ao seu desporto...

...Porque as personagens desta narrativa, são desportistas! Eis os seus cartões de visita: Dr. Arsenário Cordeiro, esgrimista olímpico, antigo campeão nacional, um homem de armas, maneando tão bem a espada e o florete, como a linha de pesca. Alberto Lima Basto, com pergaminhos em várias modalidades desportivas, mas que tudo trocou para se dedicar de alma e coração à pesca!... Estes, os principais intérpretes da grande aventura ao largo do Cabo Espichel. Possivelmente, com missão única de espectadores, como de facto foram e entusiasmos: uma senhora, esposa do proprietário do barco e um sobrinho, dezassete anos ávidos de emoções fortes e inéditas...

Todos a bordo. Tudo a postos. O «Robalo», também propriedade de outro desportista, o dr. Francisco Uva, singra as águas com autoridade. Na fronteira onde o rio e o Oceano se namoram eternamente, a mesma calma... Dir-se-ia que naquele dia não queriam discutir que as duas correntes se tinham harmonizado, cantando em unísono um hino à paz!

## O PRIMEIRO OBJECTIVO

Rumo a seguir: Cabo Espichel. Objectivo a atingir: pesca do espadarte, uma velha aspiração, para a qual há longo tempo estes dois desportistas se estão preparando. A viagem decorria esplêndida. Almoçou-se com apetite. Conversou-se. Deitaram-se projectos. Havia o pressentimento de que naquele dia o regresso não seria em vão... Nem ao de leve se pensou em «grades!» Claro que o leitor sabe o que é uma «grade»: uma pescaria falhada — o que bastantes vezes sucede. O peixe não aparece, mau grado os esforços dos pescadores. Constitue sempre motivo de aborrecimento, mas nunca de desânimo, porque se volta na primeira oportunidade...

## O MATERIAL DE ASSALTO

Findo o almoço, dispuseram-se os apetrechos em ordem de combate. Fezamos um inventário do material existente para a pesca:

Cana de «trolling» em bambú; com ponteira de 15 onças; carreto 3/0; linha de linho (Cuttyhunk) de 21 fios, com a resistência de 66 libras (30 kgs.); anzol adequado e o isco.

Os dois pescadores-desportistas prepararam tudo. O auxílio dos homens da tripulação é muito relativo e às vezes — eles não estão aqui para nos ouvirem — complica o que é geralmente fácil...

Entretanto, o «Robalo» paira já ao largo de Espichel. O mar continuava calmo, era um espelho. Como dizem os marítimos: um «mar de gazas»...

## «DRIFTING» E «TROLLING»

O «Robalo» abrandou ligeiramente a marcha; o motor parou. Linhas ao mar!... Arsenário Cordeiro e Lima Basto atiraram-nas pela borda fora. Bocados

grossos de peixe espada, eram o chamariz para o bicho...

O isco caíndo lentamente, para o fundo e simultaneamente a corrente e o vento faziam descair o barco. A este sistema chama-se «drifting». Assim se passaram duas horas, sem que nada de anormal se registasse... O que é naturalíssimo, dizem os «cate-dráticos» da pesca! Mas quem espera...

Lima Basto e Arsenário Cordeiro resolveram mudar de tática, que é como quem diz, de sistema. E puseram em prática o «trolling»; o barco mantém uma velocidade moderada e o isco à pópa. Neste, convém tomar nota duma particularidade: deixou de ter como «aperitivos», postas de peixe espada, que foram substituídas por fatias, ou se acharem mais fino, por «bifes» do mesmo peixe...

Perscrutam-se as águas com ansiedade. Espera-se a todo o momento sentir prender algo. O sistema nervoso mantém-se em «bicos dos pés!» É emocionante, mas cansa.

## AQUELA BARBATANA...

A esposa do dr. Francisco Uva, com tanta manobra do barco, já há uns minutos se sentia indisposta... Não é indiscreção revelá-lo, porque as más disposições não escolhem sexos... Para debelar o mal há diversas terapêuticas...

De súbito, findo um cigarro do «pescador» Arsenário, em meio um charuto do «pescador» Alberto, um grito ecoa pelo barco: um tubarão! Os olhos dos homens da tripulação crescem nas órbitas. Os dois pescadores-desportistas consultam-se em silêncio. Não há dúvida, aquela barbatana é inconfundível. O adolescente ávido de emoções fortes, precipita-se para a amurada. E, oh! remédio benéfico, a esposa do dr. Uva, surge junto do marido, garantindo já estar curada!

A tradição, que a lei da fauna marítima consagra, não falha: dois inimigos estão à vista! ...A batalha principia!

## TRÊS QUARTOS DE HORA E A VITÓRIA

O cerco é feito cautelosamente. Procura-se colocar o isco, de forma que o bicho o veja e oferecer-lho no momento próprio... A tarefa require calma e persistência. Uma precipitação e tudo se pode perder. A respiração a bordo está suspensa... O adversário é de respeito. Atenção: ele já viu o isco!... Aproxima-se. Prendeu. Vamos, «pescador» Alberto não puxe ainda! Esplêndido: Arsenário Cordeiro sente que o outro inimigo também prendeu o isco!... O que fazer agora? Deixá-los engulir o acceppe... Depois, «ferraz!» A luta — pois não se tratará, de facto, duma luta magnífica? — dura há três quartos de hora. O «pescador» Alberto vai puxar... mas eis que o bicho num esticão formidável, se liberta da arma e desliza para sempre! Uma pena! Resta ainda o outro, que finalmente tem de se considerar vencido! O cansaço traiu-o. Vamos içá-lo.

## JUNTARAM-SE QUATRO HOMENS

Outra manobra interessante, a de içar o tubarão. Atira-se-lhe o «bicheiro». Inútil. Naquela pele rijíssima nada entra. Nova solução, lançá-lo. Uma coisa muito simples, em teoria. Passa-se um laço de cabo grosso a uma das barbatanas peitorais, e depois de ter o laço bem preso, lança-se-lhe um à cauda. Pronto, já está. Agora... aqui estão quatro homens para o embarcaram!...

## NÃO TINHA NADA LÁ DENTRO

Foi um acontecimento no barco. Duas horas depois ainda vivia... Para o liquidar totalmente, meteram-lhe na boca dois enormíssimos troncos, que eram destinados à caldeirada... Fincou os dentes e nunca mais os tirou!

O regresso, a Sesimbra, foi de vitória. Vai ser descarnado. Já agora, podemos assistir. Péso: 90 Kgs. Comprimento: 2m,40. Isto é, o tu-

barão pesava três vezes o que era necessário para rebentar a linha! Por este simples pormenor, se vê a técnica que foi preciso desenvolver, para trazer à borda do barco um peixe nestas condições.

O anzol deu volta ao maxilar e foi espetar-se no cérebro; só foi possível tirá-lo depois de descarnada a cabeça. A propósito, a pele desta tinha meio centímetro de espessura.

Tinha 9 ordens de dentes. Era uma fêmea. A barriga estava varia. Calcula-se que em tempo normal, deveria atingir 110 quilos. A cabeça veio para Lisboa, para estudo.

## PARA O ESPICHEL SERÁ UM CORROPIO

Este tubarão foi pescado ao largo do Cabo Espichel, a 8 milhas de Sesimbra. Não é de hoje, nem de ontem que se sabe haver tubarões nas nossas costas. Por pescadores profissionais, já têm sido «caçados». Desportivamente, isto é, com cana, linha e carreto, é que é a primeira vez que se pesca em Portugal um tubarão desta espécie. Supõe-se que seja um «Iurus cornúbico» que — sossegamos os nadadores — se alimenta principalmente de peixes!...

A notícia correu célere e, como se diz nas secções mundanas, os dois «pescadores» têm sido muito felicitados.

O bicho foi oferecido à tripulação do barco. A pele, preparada duma determinada forma, serve para fazer lixas especiais. Devidamente curtida, faz a tentação das senhoras, que nas montras admiram as malas e carteiras de chagrins!... Na China, constitui ementa fora do alcance de muitas bóias uma deliciosa sôpa de barbatanas de tubarão...

Sabemos que se prepara uma nova expedição às águas do Cabo Espichel, organizada pelos mesmos desportistas, que desejam antecipar-se a um cortejo extenso que se apresta para ir até lá, ver como é...

O Cabo Espichel e os seus tubarões estão na ordem do dia...



O dr. Arsenário Cordeiro e a sua presa



# RUMORES DO MUNDO

Quem é o marechal do Ar Dowding, recentemente elevado ao Pariato por Sua Majestade britânica?

O marechal da R. A. F., *sir* Hugh Dowding é hoje considerado, na Inglaterra, um dos primeiros heróis nacionais desta guerra, porque, se não fosse ele, talvez a invasão das Ilhas Britânicas tivesse sido levada a efeito com êxito em 1940.

Quando os alemães romperam as linhas francesas, o Alto Comando de Paris exigiu que fossem enviados para França todos os aviões de caça da R. A. F., disponíveis para fazerem frente à onda devastadora dos bombardeiros da Luftwaffe.

Por enquanto, ainda não se sabe por quem se autorizaram o que se passou. A verdade é que o Gabinete de Guerra Britânico estava disposto a aceder ao pedido francês, porém, o



DOWDING

## ESTRANHA EXPERIENCIA

COM PÓ DE ARROZ que causa a admiração de 10.000 senhoras



PROVA formal de que pode ser mais bonita

Uma descoberta recente e extraordinária na preparação do pó de arroz... Um novo ingrediente maravilhoso que embeleza a pele dando-lhe nova frescura e encanto. Torna as peles, cansadas e sem viço, novamente aderentes, mesmo debaixo de chuva e vento e a despeito da transpiração. Acaba com o brilho do nariz. Este ingrediente, registado, chama-se «Mousse de Creme». Só existe no pó de arroz Tokalon.

Uma oferta verdadeiramente sensacional

Aplice numa das faces o Pó Tokalon, contendo «Mousse de Creme», e na outra um pó de arroz vulgar. Se a face empoada com a «Mousse de Creme» não parecer mais fresca, mais jovem e mais linda do que a outra, devolve-lhe-emos integralmente o custo do seu Pó de Arroz Tokalon.

A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando escreva para o Depósito Tokalon—88, Rua da Assunção, Lisboa—que atende na volta do correio.

marechal Dowding, que desde 1938 «criava» o Comando dos Caças da R. A. F. recusou-se a aceitar a responsabilidade da futura defesa da Grã-Bretanha, caso tal medida fosse posta em prática.

Argumentava ele, com certa razão, embora nesse momento ninguém fosse dessa opinião, que os exércitos franceses não podiam de forma alguma aguentar o embate dos alemães, mesmo que recebessem auxílio da R. A. F. Além disso, o emprêgo de «Spitfires» em França era muito arriscado devido à distância a que os campos de batalha ficavam das bases aéreas britânicas.

Prevaleceu a opinião do marechal, a qual tornou possível, meses depois, a vitória da R. A. F., na Batalha da Grã-Bretanha.

Quais foram as últimas modificações realizadas nos primeiros postos do Comando italiano?

Em princípios deste mês, o Gabinete de Mussolini anunciou ter demitido o general Elio Rossi, chefe do Estado Maior General do Exército italiano; este oficial fora nomeado, em Fevereiro último, para o cargo que desempenhava, e comandara as tropas italianas durante a campanha da Grécia.

O novo chefe do Estado Maior italiano é o general Mário Roata, o qual foi sempre um dos mais fervorosos partidários do Duce. Roata já em 1942 desempenhara estas mesmas funções, mas em virtude da agitação anti-italiana na

Yugoslávia exigiu, no comando do 2.º Exército italiano, aquartelado naquele país, um chefe de confiança, foi ele enviado com plenos poderes civis e militares para Belgrado.

Mário Roata é considerado um perito em estratégia militar referente à costa da Dalmácia e, no caso das Nações Unidas tentarem invadir os Balcãs através da Sicília e o «escalnhar» italiano através da referida costa, o novo chefe militar da Itália é a pessoa mais indicada para fazer frente aos anglo-franco-americanos do Norte de África.

Registraram-se também alterações no Governo fascista?

No dia seguinte à saída da comunicação sobre a modificação dos comandos militares, anunciou-se que Mussolini introduzira as seguintes alterações no seu Gabinete:

Giuseppe Lombrossi foi demitido do cargo de Sub-secretário da Emigração e Colonização e transferido para outro posto; Cianetti, ministro das Corporações, foi encarregado de gerir o Departamento de Emigração; e Luigi Contu foi nomeado Sub-secretário do Ministério das Corporações.

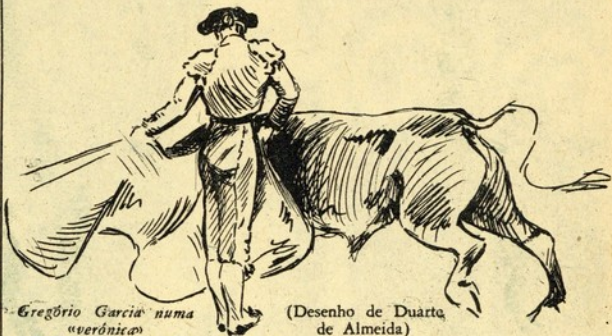
Cianetti foi o primeiro organizador dos grupos operários que foram trabalhar para a Alemanha antes da guerra estalar, e tinha sido nomeado Ministro das Corporações há poucas semanas. Contu, o novo sub-secretário, auxiliou grandemente Cianetti no recrutamento destes operários.

Por sua vez, Scorza, chefe do Partido fascista, nomeou Ruggero Melone sub-chefe do estado-maior das Associações da Mocidade Fascista.

Além disso, a administração dos territórios ocupados pelos Italianos também foi modificada. Desapareceu o posto de inspector do partido fascista na Albânia e foi criada uma delegação do Partido fascista junto do Governo do Montenegro, antiga província da Yugoslávia, à frente da qual foi colocado Luigi Alzona.

JOSÉ CORREIA RIBEIRO

# TOIROS NO CAMPO PEQUENO



Gregório Garcia numa «verónica» (Desenho de Duarte de Almeida)

## Uma tarde ANIMADA...

Os nomes de Simão da Veiga e João Núncio, reunidos no mesmo «cartel», levaram ao Campo Pequeno uma das maiores enchentes da temporada. Afinal — e embora qualquer deles nos tivesse dado detalhes característicos do seu toureio — em conjunto não fizeram o que gostaríamos de ter visto, pois a qualidade dos touros não se prestava a grandes cometimentos. O segundo investia regularmente mas não era tipo de touro que permitisse o habitual toureio de João Núncio. Simão da Veiga teria encontrado, nesse touro, bastantes condições para fazer brilhar o seu estilo alegre e movimentado, como Núncio teria feito lide excelente no que abriu praça. Com as coisas assim trocadas — o que não podia deixar de lhes trazer contrariedades — os dois cavaleiros ficaram aquém das suas possibilidades e João chegou mesmo a enervar-se na lide de um antagonista falso e mal intencionado que por duas vezes lhe colheu a montada, uma delas com certa violência. Na preparação das sorte, ambos se mostraram brilhantes. Simão da Veiga, de novo bandarilhando a duas mãos, empolgou a assistência, sobretudo no primeiro par, cravado com uma serenidade bem merecedora da ovação que o envolveu. Antes, neste mesmo touro, tivera um ferro maravilhoso.

Os dois cavaleiros, no final das lides, foram alvo das aclamações de um público que soube compreender que não era justo exigir mais e melhor em tais circunstâncias.

«El Estudiante» esteve esforçado na lide dos mais difíceis touros da corrida e tanta vontade e valentia pôs no seu trabalho, que conseguiu justíssimas palmas, sobretudo no seu segundo, em que fez uma artística *faena* de *muleta* com passes excelentes, destacando dois *naturais* e outros tantos *molinees*, acabando por adonar-se. Pena foi que ao *simular* admiravelmente a estocada, fôsse colhido e volteado, e tivéssemos que o ver ir a caminho da enfermaria por uma coisa sem significado algum numa praça em que se não matam touros. Apontámos-lhe ainda belos *l*: *es* *verónica* e uma «*meia*» esplêndida.

O mexicano Garcia recebeu as melhores palmas na lide dos seus touros. No primeiro, lanceou de capote, ora por *verónicas* arrimadíssimas, ora por *chicuelinas* lentas e finíssimas que mereceram do público uma ovação grande que se prolongou enquanto bandarilhando. Depois, na *faena* de *muleta*, teve passes bonitos e sempre valentes, embora no último *térccio* Garcia não tivesse segurança necessária para *mandar* nos touros. Quando terminou, teve que dar duas voltas à praça e sair aos médios, no meio da maior ovação a que este ano assistimos no Campo Pequeno. No segundo touro que lidou, repetiu o labor que antes entusiasmara o público, sendo de destacar um assombroso par de bandarilhas e a variada *faena* com que terminou. De novo a ovação foi delirante, com volta ao redondel e saída aos médios.

Os touros de Palha, um dos atractivos da corrida, eram em geral *terciados* e, enquanto alguns tivessem lindo tipo, verdadeiramente só o quarto cumpriu.

Há a anotar a brega excelente dos bons toureiros que são Procópio e Correia e a boa vontade de «Ale». Saraiwa, na *quadrilla* do mexicano, houve-se como convinha. Garrett fez uma grande pega de caras no primeiro.

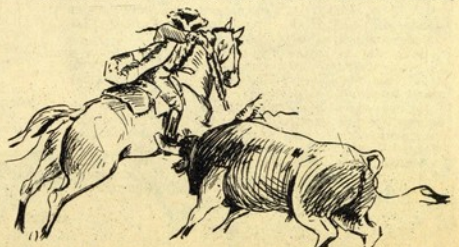
### ...E «NOCTURNO» INGLÓRIO

Do primeiro nocturno da temporada, numa noite ventosa e fria, há a destacar a péssima qualidade das rezes, que nos não permitiram apreciar por completo o franco progresso de Mário Cabré, que tão bem principiara a lide do touro que o atirou para a enfermaria, com belos lances de capote e uma *faena* valente e mandona.

«Gallito» nada pôde mostrar mais que uma louvável boa vontade de agradar e que é um fácil bandarilheiro.

José Casimiro lidou o primeiro touro muitíssimo bem, sabendo tirar inesperado partido de um manso que obrigou a marrar o bastante para desenvolver um trabalho brilhantíssimo sob todos os aspectos. José está a afirmar-se um cavaleiro de primeiro plano: sabe a lide que deve executar e amolda-se às condições dos touros com inteira segurança. D. Vasco Jardim ouviu também muitas palmas ao fazer os seus

toiros, pelo seu *trabalho* e pela boa vontade manifestada na verdadeira luta que teve que manter contra a incrível mansidão dos animais que lhe saltaram.



Jaime Duarte de Almeida

Simão da Veiga num par de bandarilhas a duas mãos (Desenho de Duarte de Almeida)





Uma indumentária prática e fresquinha, não acham? O modelo pertence a Ruth Buchardt, uma artista de cinema de grande categoria dos estúdios da Ufa... Mais sugestivo de que um «esquimeaux»—que lhes parece?